



UNIVERSIDADE DO MINDELO

Sapientia Omnium Potentior Est

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS

CURSO DE PSICOLOGIA

O Insucesso Escolar em Adolescentes e em Crianças oriundas de Famílias Multiproblemáticas

Maria da Glória Lima Duarte Lopes

Mindelo

Julho 2013



UNIVERSIDADE DO MINHO

Sapientia Omnium Potentior Est

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS

CURSO DE PSICOLOGIA

**Monografia apresentada como parte
dos requisitos para obtenção de grau
Licenciatura em Psicologia,
ramo Escolar e Educacional**

Orientanda: Maria da Glória Lima Duarte Lopes

Orientadora: Arminda dos Reis

Mindelo

Julho 2013

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Maria da Glória Lima Duarte Lopes, aluna do 5º ano do Curso de Psicologia ramo Escolar e Educacional no ano lectivo 2012/2013 da Universidade do Mindelo, no âmbito da conclusão do Curso de Psicologia sob orientação da Dra. Arminda dos Reis, declaro que responsabilizo pela veracidade de todas as informações contidas nesta Monografia.

Comprometo ainda que as informações recolhidas, terão apenas a utilidade de carater académico no âmbito do curso frequentado.

São Vicente 29 de Julho de 2013

A Orientanda

A Orientadora

RESUMO

Neste trabalho se debruçou sobre um aspeto que muito tem preocupado investigadores e Instituições no sentido de compreender e intervir para melhorar condições de vida individual e social, a saber, a relação que se pode estabelecer entre a convivência no seio de uma família multiproblemática e o insucesso escolar em crianças e adolescentes.

A investigação centrou os esforços, tentando perceber esta problemática supracitada tomando como referência prática os pais e os seus filhos que por várias razões são encaminhados para o Centro de Emergência Infantil da Ilha de São Vicente. Portanto, o estudo poderá querer ter um alcance geral, mas o objetivo é avaliar, compreender e intervir com famílias cabo-verdianas consideradas multiproblemáticas e mais especificamente daquelas que possuem crianças e adolescentes acompanhados e internados no Centro de Emergência Infantil do Mindelo.

O trabalho definiu famílias, tentou compreender as questões em torno de famílias multiproblemáticas e do insucesso escolar, fez-se um estudo de caso de uma adolescente proveniente de uma família considerada destruturada, aplicou-se uma intervenção junto dos pais das crianças do Centro de Emergência Infantil.

Palavras-Chave: Família, Famílias Multiproblemáticas; Insucesso Escolar.

AGRADECIMENTOS

Para todos aqueles que de várias formas cooperaram para que este trabalho fosse uma realidade, os nossos sinceros agradecimentos pelos apoios quer ao nível emocional afetivo quer pelos apoios materiais que sem os quais não seria possível empreender esta tarefa que exigiu dedicação, coragem e muito labor.

À força divina que conduz todos os destinos rendemos humildemente uma homenagem muito especial de criatura grata por todos os dons recebidos.

Agradecemos, calorosamente, a Dra. Yelina Navarro que nos orientou, inicialmente, apoiando na elaboração deste trabalho.

Agradecemos igualmente a nossa orientadora, a Dra. Arminda dos Reis, que se mostrou sempre disponível, dando um acompanhamento competente, afável, responsável e determinante na consecução cabal deste trabalho.

Um agradecimento especial a Dra. Rosa Elina Aguilar Pazos que na qualidade de Coordenadora do Curso de Psicologia esteve sempre aberta, predisposta a ajudar em tudo o que fosse possível para que a apresentação deste trabalho pudesse concretizar.

Para a Dra. Zilda Oliveira uma palavra de muito apreço pela sua presença, prestando todo o apoio necessário para que pudesse ser possível os primeiros passos na conceção deste trabalho.

Aos agentes do Centro de Emergência Infantil uma nota de consideração pela disponibilidade, dando informações que se revelaram determinantes para a parte prática deste trabalho.

Pela paciência, pelos conselhos, pela atenção, pelo estímulo, um grande agradecimento ao Jorge da Luz, um companheiro sempre presente em todas as fases da elaboração deste trabalho.

Aos nossos familiares mais próximos, pais, filhos e irmãos, um agradecimento muito sincero em especial a Delci por todos os apoios, estímulos e paciência, pois foram fundamentais no processo de construção desta etapa do desenvolvimento da nossa existência.

DEDICATÓRIA

Para nosso filho Hegel Jorge, nossa filha Rosiane Yarine, nosso companheiro Jorge da Luz, nossos pais Armindo Lopes e Rosalina Lima como prova infinda de afeto e respeito por nos terem incentivado e apoiado como âncora da nossa existência na procura incessante do conhecimento.

ÍNDICE

RESUMO	4
AGRADECIMENTOS.....	5
DEDICATÓRIA.....	6
INTRODUÇÃO GERAL.....	1
I PARTE – MARCO TEÓRICO: FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS E	
INSUCESSO ESCOLAR.....	4
1. A FAMÍLIA	4
1.1. O conceito de Família e sua estrutura	4
1.2. Os papéis e as funções fundamentais da família	6
1.3. A Família Cabo-verdiana e os seus problemas	11
2. FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS	14
2.1. Em torno da compreensão do conceito de Famílias Multiproblemáticas	14
3. O INSUCESSO ESCOLAR.....	19
3.1. A problemática insucesso escolar.....	19
3.2. Possíveis causas e consequências do insucesso escolar	23
4. FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS E INSUCESSO ESCOLAR.....	29
II PARTE – INTERVENÇÃO PRÁTICA: ESTUDO DE CASO.....	32
5. INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NUMA FAMÍLIA MULTIPROBLEMÁTICA ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICA E SISTEMÁTICA	32
5.1. “Escola de Pais” como intervenção com famílias, focando numa Família Multiproblemática	36
5.2. Estudo de caso de uma adolescente, com insucesso escolar, oriunda de uma Família Multiproblemática	42
CONCLUSÃO GERAL	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
Anexos	63
ANEXO 1.....	64
ANEXO 2.....	67
ANEXO 3.....	84
ANEXO 4.....	86
ANEXO 5.....	88
ANEXO 6.....	90
ANEXO 7.....	94
ANEXO 8.....	99

INTRODUÇÃO GERAL

Refletir sobre a família constitui um dos campos de debate que tem merecido a atenção de vários autores que dedicaram a sua atividade intelectual ao estudo empenhado na tentativa de compreender esta problemática.

A dedicação a realidade concreta da família tem sido um fato que motiva várias Instituições que empenham em tentar contribuir para melhorar o relacionamento entre os elementos que compõem o ambiente familiar.

Na conciliação destas duas perspectivas complementares, no nosso entendimento, surge parte deste trabalho fruto de uma atenta pesquisa bibliográfica e de uma observação prática realizada ao longo do nosso estágio acadêmico.

Porquanto o nosso estágio se efetivou junto de Instituições que dedicam os seus esforços no sentido de recuperar e reconstruir harmonias perdidas no seio familiar, despertamos para a realidade que vai constituir o centro da nossa reflexão, a saber, a relação existente entre famílias multiproblemáticas e o insucesso escolar como uma consequência direta de disfunções familiares.

A problemática inerente às famílias multiproblemáticas e a temática do insucesso escolar se conjugam numa relação de causa e efeito, desafiando a inteligência humana para a sua compreensão e, conseqüentemente, estimular para uma prática psicopedagógica no sentido de enfrentar os males que causam aos indivíduos na medida em que as sociedades poderiam ser melhor organizadas caso não tivessem no seu seio tais realidades indesejáveis.

Foi neste contexto que surgiu o incentivo para nos lançar na pesquisa e na observação que culminou com a realização deste trabalho, como meio de contribuir, modestamente, para o entendimento da conexão que se pode estabelecer entre as famílias multiproblemáticas e o insucesso escolar.

Efetivamente, a maior parte dos adolescentes e das crianças que frequentam o Centro de Emergência Infantil – CEI¹ – em São Vicente podem ser considerados provenientes de

¹ Usaremos a sigla CEI para significar Centro de Emergência Infantil. Ver o ponto 5.1, páginas 36 à 38 deste trabalho para conhecer esta Instituição.

Famílias Multiproblemáticas. A violência doméstica, o uso de drogas – “leves e pesadas” –, condições habitacionais impróprias, a falta de formação e de informação dos pais, as necessidades básicas insatisfeitas são entre inúmeros fatores que desestruturam famílias cabo-verdianas, originando Famílias Multiproblemáticas.

Eis a problemática que pretendemos avaliar, estudar e propor uma intervenção. Neste contexto queremos tentar abordar o tema que intitulamos de ***“O Insucesso Escolar em Adolescentes e em Crianças oriundas de Famílias Multiproblemáticas”*** que constituirá o nosso trabalho de fim do curso de Licenciatura em Psicologia Escolar e Educacional.

O trabalho que agora iniciámos justifica-se pelo fato de o CEI, sendo um espaço de acolhimento e acompanhamento de crianças oriundas de Famílias Multiproblemática, necessitar de estudos teórico-práticos que abordem a problemática em torno das Famílias Multiproblemáticas, tendo como finalidade dinamizar atividades que promovam comportamentos (saudáveis), individuais ou coletivos, em prol do bem-estar daqueles que, por várias razões, vivem em situações desconfortáveis no âmbito da convivência familiar, focando, particularmente, o insucesso escolar.

Assim, propomos como problema da nossa investigação tentar encontrar meios de como melhorar as relações entre os membros de famílias Multiproblemática para potenciar o sucesso académico dos seus adolescentes e crianças.

O objetivo geral que sugerimos para esta investigação é identificar os fatores de desestruturação familiar mais comuns e propor medidas tendentes à criação de um ambiente familiar que favoreça o sucesso escolar, focalizando em Cabo-Verde e mais propriamente em São Vicente.

Para abarcar este objetivo isolamos certos objetivos específicos, a saber, caracterizar as famílias multiproblemáticas, identificar os principais fatores de desestruturação familiar, com incidência na realidade sociocultural cabo-verdiana, conhecer a perceção das famílias multiproblemáticas quanto às suas competências e capacidades, relacionar o sucesso escolar com a estruturação familiar, propor medidas que promovam um ambiente familiar que facilite o sucesso escolar.

Partindo da ideia de que o quadro de referências do contexto familiar – estilos educativos – onde se insere o aluno - adolescente criança – condiciona a construção de

esquemas de ação perante o mundo, que tem repercussões no desempenho acadêmico, lançamos a hipótese segunda a qual o insucesso escolar dos alunos oriundos de famílias multiproblemáticas resulta de défices e disfunções familiares graves.

Para elaboração geral deste trabalho, utilizamos uma metodologia qualitativa, baseada em investigação ou busca bibliográfica e aplicação da técnica de estudo de caso que exigiram análises e sínteses de dados recolhidos a partir de leituras de autores que serviram de referência teórica, de entrevistas e de observações como apoios práticos para elucidação experimental.

E no sentido de tornar possíveis os nossos propósitos, este trabalho aparecerá dividido em duas grandes partes, uma de cariz teórica e outra constituirá uma intervenção prática.

Na primeira parte fixaremos os conceitos, identificaremos fatores e caracterizaremos tanto as famílias, no geral, e famílias multiproblemáticas como o insucesso escolar, através de alguns autores que debruçaram sobre estes temas.

A segunda parte compor-se-á de um estudo de caso de uma adolescente que vive no CEI, oriunda de uma família multiproblemática e que padece de insucesso escolar e de uma intervenção com os pais dos adolescentes e crianças do CEI.

Mesmo no fim, elencamos um conjunto de publicações que denominamos de “Referências Bibliográficas” que nos serviram de suporte referencial para que fosse possível a realização deste trabalho.

I PARTE – MARCO TEÓRICO: FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS E INSUCESSO ESCOLAR

1. A FAMÍLIA

1.1. O conceito de Família e sua estrutura

No decorrer da nossa investigação sobre a família deparámo-nos com uma gama de informações e chegámos a conclusão de que muitos são os estudiosos que se dedicaram e se dedicam o seu tempo na tentativa de compreender a realidade familiar e apresentar conclusões sobre esta temática que na nossa opinião é de importância absoluta tanto para a organização social como para a vida do indivíduo em particular.

Reconhecemos que no entendimento dessa realidade todos são unânimes em concluir que a família pressupõe pessoas que vivem partilhando funções e papéis, tendo como objetivo o bem do grupo que pode ser extensiva ou não. (conf. Sampaio e Gameiro, 2002).

Manley (1989) considera a família como a unidade básica da sociedade, constituída por indivíduos ligados por laços afetivos e dispostos a se cuidarem física e emocionalmente. Tais indivíduos formam um grupo que funciona como um todo, no qual cada um assume o seu papel que lhe é atribuído, surgindo como uma instituição social básica (Barata, 1991) e como um sistema social uno (Vara, 1996).

Neste contexto, a família aparece como sendo o grupo social primário que relaciona com outras instituições da sociedade, convivendo numa troca de serviços contínuos e realizando as aspirações de cada um, em particular, e de todos, no geral. A ligação familiar é visível através de uma descendência demonstrada ou estipulada que se originou a partir de um ancestral comum, pelo casamento ou pelo processo da adoção (Regato, V., 2008). Assim pode ser lícito afirmar que no seio de uma família existe um grau de parentesco entre os seus membros que, naturalmente, é hábito partilharem sobrenomes comuns advindas das gerações anteriores como herança dos ascendentes diretos. São inúmeros os laços que podem unir uma família de modo a perpetuar o agregado familiar moralizado na realização de tudo o que possa trazer satisfação às

peças que o compõem. Minuchin (1990) opina que esses laços agregam os elementos da família durante uma vida ou mesmo durante várias gerações.

Na família existe um conjunto de exigências que devem ser satisfeitas de tal maneira que possamos defini-la como um conjunto organizado de indivíduos humanos que interagem, formando um sistema que funciona razoavelmente de acordo com padrões preestabelecidos que norteiam os comportamentos, através de estabelecimento de direitos e deveres que acabam por afetar e influenciar todos os membros do agregado familiar. A este respeito podemos confrontar com a opinião de Minuchin (1990) que lança a sugestão segunda a qual pode haver certas diferenças no desempenho das tarefas familiares por motivo de parâmetros culturais, mas que existe uma matriz universal onde as famílias mergulham as suas raízes.

Todas as famílias adoptam uma estrutura própria, ou seja, possuem a sua forma de se organizarem que se mantem de uma maneira continuada no tempo e que é composto por normas que fixam as relações entre os seus membros. Aqui podemos nos socorrer de Whaley e Wong (1989) que afirmam que a estrutura familiar é uma forma de organização de um grupo de pessoas que se interrelacionam de modo recorrente. A sociedade, na qual as famílias estão inseridas, regula de forma explícita e/ou implícita uma série de normas que regem a estrutura familiar representada por indivíduos ocupando cada um a sua posição e em condição para agir e interagir de um modo socialmente reconhecido, porquanto enquadrado nos padrões sociais.

No que diz respeito à estrutura familiar podemos enumerar algumas formas de como as famílias podem se organizarem como sendo de uma estrutura dita nuclear ou conjugal; uma estrutura nomeada de pais únicos ou monoparentais; a família ampliada, consanguínea ou extensa e, ainda, as estruturas familiares ditas alternativas como as famílias comunitárias e as famílias homossexuais. (conf. Velásques, 1997)

A família conjugal ou nuclear é um grupo composto por um pai, uma mãe vivendo num ambiente familiar comum, juntamente com os seus filhos biológicos e/ou adotados. Da família nuclear pode surgir as famílias monoparentais devido a dinâmicas sociais como a morte de um dos conjugues, o divórcio, o abandono do lar que implicam determinadas reformulações na configuração familiar. (conf. Whaley e Wong, 1989)

A família consanguínea ou extensa surge como sendo mais abrangente na medida em que engloba a família nuclear associada aos parentes próximos e não só, ou seja, estendendo aos avós, netos e tios. (conf. Velásques, 1997)

Ainda, temos de considerar as chamadas famílias alternativas que podem ser comunitárias e que distinguem, de forma abismal, das famílias nucleares no que diz respeito ao papel dos pais na criação e educação dos filhos, pois estas são de responsabilidade de todos os adultos do agregado (conf. Barker, 2000). Tratando de famílias homossexuais, temos duas pessoas do mesmo sexo que vivem maritalmente ou que têm uma ligação conjugal, podendo incluir crianças adotadas e/ou filhos biológicos de um ou de ambos os parceiros (Velásques, 1997).

Estas breves considerações sobre a definição de família e sobre a estrutura familiar nos leva a sugerir que é dever da família conhecer o valor individual de cada um dos seus membros de modo a proporcionar-lhe um desenvolvimento harmonioso (Barradas, A., 2008) para que não haja lugar para insucessos. Infelizmente nem sempre isto acontece e por isso a razão deste nosso trabalho.

1.2. Os papéis e as funções fundamentais da família

Ao ser abordado o conceito de família, pensamos que seja necessário estudar, como complemento, os conceitos de papéis e funções familiares. E para melhor compreender a problemática da nossa investigação, deixamos aqui um elenco e algumas considerações relativamente aos papéis e funções da família.

Das investigações realizadas, pudemos identificar um conjunto de papéis referentes aos adultos na família que passamos a apresentar: O papel de cuidar das crianças ao nível físico, emocional e espiritual com o objetivo de lhes proporcionar um desenvolvimento integral saudável (Barradas, A., 2008); o papel relacionado com a prestação de serviços domésticos, cujos objetivos estão ligados a satisfação dos prazeres e o conforto dos elementos constitutivos da família; socializar as crianças constitui um dos papéis fundamentais da família, porquanto contribui, com várias atividades, para a integração das crianças numa sociedade apetrechadas com capacidades intelectuais e sociais, ou

seja, a família tem um papel educador (Pinto, 1991); o papel designado de suporte familiar, na qual a família se envolve em atividades produtoras de serviços e bens indispensáveis a sua própria sobrevivência; o papel da conservação das relações familiares que tem como finalidade manter a convivência com os parentes próximos para garantir a ajuda em momentos de crise; a recreação constitui um papel familiar na medida em que a família possibilita o divertimento aos seus membros com vista ao relaxamento e desenvolvimento individual; podemos considerar, também, um papel terapêutico ligado ao apoio psicológico em situações que envolvem problemas emocionais na família; ainda, podemos considerar um papel que diz respeito às relações sexuais entre os parceiros na família. (conf. Barker, 2000)

A realização cabal desses papéis pode significar que a família está assumindo as suas devidas responsabilidades e que está pronta para encarar os vários problemas sociais que poderão aparecer no desenrolar da sua vida.

Ligados aos papéis podemos introduzir a problemática das funções familiares que no entender de Stanhope (1999) têm um objetivo de caráter interno que tem a ver com a proteção psicossocial dos membros da família e um outro objetivo de caráter externo relacionado com o ato de aquisição e transmissão cultural.

Neste contexto as famílias devem adequar às mudanças internas e externas, acomodando as novas circunstâncias, mas sem nunca abandonar os seus valores próprios e de modo a propiciar aos seus membros um esquema de referência, como opinou Minuchin (1990).

Em consequência, Stanhope (1999) assegura que a família assume uma dupla responsabilidade, uma de dar resposta às necessidades dos seus membros e outra de contribuir para a realização da sociedade, em geral, de modo que a família possa desempenhar cabalmente as suas funções e ser considerada bem estruturada.

Assim, identificamos alguns aspetos que podem ser tomados como sendo funções familiares e que passamos a elencar: a família desempenha a função de garantir as relações entre os seus membros, assegurando uma conexão estável e durável; a função afetiva que mantém os seus membros unidos através de valores como o amor, a amizade e a solidariedade (Pinto, 1991); a família funciona como a segurança de modo a defender de ameaças que possam surgir contra os seus membros; a função incentivadora

da aceitação pessoal que promove um harmonioso desenvolvimento pessoal de cada elemento da família; a função de garantir o processo de socialização que tem como finalidade garantir a continuidade dos valores culturais da sociedade na qual a família se encontra inserido; a função ligada a realização de actividades úteis, fazendo com que os elementos da família desenvolvam o sentimento de utilidade, ou seja, que sintam úteis à si, à família e à sociedade; a função que estabelece a autoridade como meio de garantir a assimilação e a acomodação de normas e regras que regem as sociedades humanas de modo a consciencializar os seus membros dos seus direitos e deveres na família e na comunidade. Estas funções são reafirmadas por N. Ramos (1993, 2003, 2004)

Stanhope (1999) refere a mais uma função familiar relacionada com a protecção da saúde na medida em que apoia seus membros em situação de doença, pois a família, como uma unidade, desenvolve crenças e atitudes relacionadas com comportamentos ligados a saúde e a doença, respondendo às necessidades da saúde dos seus membros como diria F. Bozett (s/d).

Explicando, diríamos que a família tem como função primordial a de protecção, tendo sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas. E ainda reforçando, remataríamos que a família ajuda a manter a saúde física e mental do indivíduo, por constituir o maior recurso natural para lidar com situações potenciadoras de stress associadas à vida na comunidade.

Para completar esta exposição sobre papéis e funções da família torna necessário referir ao tema ligado ao estilo educativo parental, cujos primeiros estudos foram desenvolvidos por Diana Baumrind (1966), para depois interligá-lo com a nossa investigação.

Estilo parental é o conceito que traduz um conjunto de maneiras de ser e de agir dos pais que afeta, diretamente, a educação dos filhos em todos os domínios, nomeadamente psicológico, emocional e moral (conf. Hoffman, 1994). Os comportamentos expressos pelos pais, a maneira de elogiar ou punir os filhos constituem aspetos que enformam o estilo parental. Tais aspetos se expressam através da linguagem corporal, do tom de voz, do descuido, da atenção, da mudança de humor dos pais. A Psicologia tem vindo a demonstrar que as vivências familiares são essenciais no desenvolvimento das pessoas e por isso é fundamental conhecer os aspetos relacionados com a protecção, como o afeto,

a definição de regras claras, o envolvimento, a interajuda e é igualmente indispensáveis consciencializar dos riscos que estão sujeitas as famílias, como a negligência, a punição física, a definição obscura de regras e outros. Cada estilo de pai/mãe contribui para determinar o desenvolvimento e socialização de crianças e adolescentes que formarão um repertório comportamental que levam para o resto da vida. (conf. Brás, P. 2008) O estudo dos estilos parentais divide as relações entre pais e filhos em 4 tipos básicos: participativo; negligente; autoritário; permissivo (Maccoby e Martins, 1983), não obstante Baumrind (1966) ter descrito só três tipos.

Passamos a descrever os estilos parentais:

- **Pais Participativos** também chamados de participativo-democráticos (conf. Oliveira et al. 2002) – são pais centrados tanto na relação quanto na socialização e desenvolvimento do filho (tanto exigentes quanto responsivos). Apresentam muitas regras e limites e também muito afeto e envolvimento, dão bastante, mas também pedem muito: são aqueles que educam dando muito apoio, atenção emocional, estrutura positiva e direção para os filhos. Em consequências os filhos definem-se e são classificados como mais competentes em todos os níveis, ou seja, boa auto-estima, habilidades sociais, estilo de atribuição otimista, bom desempenho académico e desenvolvimento de resiliência. (conf. Weber et al. 2004)

- **Pais Negligentes** – são considerados pais ausentes (pouco responsivos e pouco exigente; apresentam pouco afeto e envolvimento e poucas regras e limites). Ainda, esperam, às vezes, que o filho responda a suas necessidades e formam famílias instáveis (separações e conciliações frequentes); são pais pouco presentes na vida dos filhos, sem tolerâncias e aborrecem-se facilmente, seja com o choro natural de um bebé, seja com os pedidos de uma crianças ou adolescentes, então deixam a criança fazer o que bem quiser; quando os filhos chegam ao limite ou quando sentem culpa de sua ausência podem controlar exageradamente ou punir. Em consequência os filhos são os que apresentam pior performance em todas as áreas; podem ter um desenvolvimento atrasado, problemas afetivos e comportamentais; este estilo parental correlaciona-se com uso de drogas e álcool, com doenças sexualmente transmissíveis, com início precoce da vida sexual, baixa auto-estima e auto-eficácia, com probabilidade maior de depressão, stress, estilo explicativo pessimista, baixo desempenho académico e baixas habilidades sociais e futuro comportamento anti-sociais. (conf. Weber et al. 2004)

- **Pais Autoritários** – são pais centrados em si próprios, portanto desejam somente a obediência dos filhos (muito mais exigentes do que responsivos; apresentam muitas regras e limites, mas são pouco afetivos e envolvem-se pouco). Caracterizam-se por baixo nível de apoio e atenção emocional, mas alto de estrutura positiva e direção; são demasiadamente exigentes, tendo como resposta comum “porque eu disse assim”, querem que o filho faça o que eles desejam, comandam a vida do filho e não deixam que ele próprio se expresse. Em consequência os filhos tendem a apresentar performance moderada na escola, mas se a coerção for muito forte podem ter ansiedade e, com isso, abaixar o desempenho escolar; não apresentam problemas de comportamento, geralmente são crianças e adolescentes quietos e passivos, mas se a coerção dos pais for muito forte, podem mostrar hostilidade e agressividade contra figuras de autoridade (professores, por exemplo); apresentam piores desempenhos em habilidades sociais, humor instável, pouco amigáveis, baixa auto-estima e altos níveis de depressão, situações que podem levar para a vida futura. (conf. Baumrind, 1966 cit. por Weber et al. 2004 e Costa et al. 2000)

- **Pais Permissivos** também chamados de indulgentes – São pais centrados no filho (muito mais responsivos do que exigentes); apresentam muito afeto e envolvimento e poucas regras e limite. Dão muito apoio e atenção emocional, mas pouca estrutura positiva e direção aos filhos; às vezes são pais que tem receio de serem rejeitados e não serem amados pelos filhos, então permitem em demasia, ou sentem culpa pela ausência no trabalho e permitem tudo ou são inconsistentes; a pouca resistência acaba levando à crianças mimadas e falta de resistência à frustração. Em consequências os filhos estão mais propensas a envolver-se em problemas de comportamento e têm pior desempenho na escola, mas podem ter boa auto-estima e boas habilidades sociais e baixos níveis de depressão, mas há um alto risco de envolvimento em problemas no futuro, pois não aprenderam que existem regras e limites no mundo, acham que podem e devem experimentar tudo e testar todos; geralmente são crianças (e até adultos) mimadas, sem limites, que depois de um tempo de convivência tornam-se chatos, pois pensam somente em si próprios e não aprenderam como o mundo funciona nem as suas regras de convivência. (conf. Baumrind, 1966 cit. por Weber et al. 2004)

1.3. A Família Cabo-verdiana e os seus problemas

É comum assistirmos em Cabo-Verde, hoje, a mobilização do conceito de estruturação familiar para explicar as razões que conduzem crianças e adolescentes à delinquência, ao abandono escolar, ao insucesso escolar² (UNICEF – Nações Unidas Cabo Verde, 2011) e a outros males de que a nossa sociedade sofre e que assolam em todas as sociedades hodiernas.

Quando se refere à família nestes termos, está-se a mencionar e a comparar ao tipo de família nuclear assente nos ideais judaico-cristãos que, de um modo geral, caracterizou as aspirações cabo-verdianas desde da formação da nossa sociedade. Tal tipo de família composta por um pai, uma mãe e filhos, vivendo num espaço comum e relacionando estreitamente com outros familiares próximos como avós, tios, primos e outras pessoas que, por várias razões, mantêm relações próximas com este núcleo. No que respeita a nupcialidade estas famílias são conjugais³ ou vivem em união de fato.⁴

Convém advertir que historicamente este tipo de família foi colocado como ideal, mas sempre houve o tipo familiar monoparental chefiado por indivíduos do sexo feminino⁵ por motivos bem conhecidos desde os primórdios do povoamento das ilhas, fruto de uma “poligamia” informal instituída e “institucionalizada” no arquipélago pelos senhores da terra. Portanto, a existência de tipos de famílias diferentes da chamada família nuclear não é uma novidade em Cabo-Verde, o que não impede que afirmemos que a família cabo-verdiana esteja a atravessar, nestes últimos tempos, um momento crítico marcado por uma certa crise estrutural (ou uma mudança estrutural) que pode explicar vários males sociais e pessoais emergentes na nossa sociedade. Pode-se igualmente admitir que estejamos a atravessar um momento de transição para novos valores e novas formas de organização social, mormente familiar.

² Ver “Análise de Situação de Crianças e Adolescentes em Cabo Verde 2011” páginas 75-76.

³ Segundo dados do INE – Instituto Nacional de Estatística – as famílias conjugais têm vindo a diminuir, pois eram de 30% em 1980, passando para metade, 15%, em 2006. Nota-se a prevalência das uniões de fato que são de 22%.

⁴ Nota-se a prevalência das uniões de fato que são de 22% em 2006, dados do INE. João Lopes Filho (2003) afirma que desde muito cedo, desde a formação da sociedade, instituiu-se em Cabo Verde uma tendência para a união de fato.

⁵ Nossa história recente mostra, também, que o número de agregados monoparentais chefiados por mulheres vem aumentando. Dados do INE refere que em 2000 essas famílias representavam 37,5% passaram a representar 67,5% em 2007.

A família está de certa forma desestruturada e fragmentada por diversas razões e convém salientar que a falta da figura paterna ou a falta da presença do pai que muitas vezes está no estrangeiro, está a trabalhar durante todo o dia ou pura e simplesmente não vive com o filho porque terminou a relação com a mãe ou, ainda, não assumiu o filho⁶ que surgiu de uma relação efémera, etc, marcam o quotidiano cabo-verdiano no que diz respeito à negação de um elemento fundamental na composição de uma família.

Associado a esta ausência de pai podemos incluir outros fatores ligados à paternidade, a saber, pai presente mas carregando consigo aspetos negativos como o abuso do álcool⁷, o desemprego⁸ (UNICEF – Nações Unidas Cabo Verde, 2011), as brigas, a violência (doméstica) física ou verbal⁹ (UNICEF – Nações Unidas Cabo Verde, 2011) e, por fim, relações extras com outras mulheres que implica difusão e consequente redução dos rendimentos, pois lhes oferecem presentes.

A vida da família, tendencialmente, tensa provoca nas crianças uma carga de insegurança que depois vai provocar todo o processo de dificuldades a nível escolar nos filhos, porque não tiveram o amor, o carinho, a atenção, o cuidado familiar, que são os pilares de todos os sucessos individuais, portanto do sucesso escolar.

No que diz respeito à figura materna, a mãe é quase sempre presente, mas em muitos casos esta presença não significa que tudo esteja bem. A mãe cabo-verdiana é a pedra angular da família cabo-verdiana. Ela carrega sobre si quase toda a responsabilidade familiar no que toca ao desempenho dos papéis e funções, assumindo como a executiva por excelência. Sem dúvida, é o elemento que deu e dá estruturação à família.

A mãe assume no geral as tarefas domésticas, mesmo quando trabalha fora da casa: acompanha os filhos nos cuidados da saúde, é a encarregada de educação que estabelece a ligação família/escola, é a governanta da casa. Com quase tudo sobre os ombros, falta-lhe tempo para se dedicar a educação dos filhos, especialmente, para dar conta dos seus deveres escolares, provocando, consequentemente, o insucesso escolar.

⁶ Dados do INE (2008) aponta para este fato, pois em 2007 40% de crianças cabo-verdianas menores de um ano de idade sem registar.

⁷ Dados apurados sobre alcoolismo pelo INE (2008), permitiu concluir que 40,3 por cento da população do arquipélago bebe álcool com regularidade e que, desses, 15,4 por cento dos homens e 3,4 por cento das mulheres o fazem diariamente.

⁸ Ver “Análise de Situação de Crianças e Adolescentes em Cabo Verde 2011” páginas 34-35.

⁹ Ver “Análise de Situação de Crianças e Adolescentes em Cabo Verde 2011” páginas 93-94.

Quando, juntamente com todas estas atividades, a mãe, ainda, transporta sobre si problemas de relações falhadas ou deficientes, uso de substâncias ilícitas, como drogas e álcool, temperamento facilitador de zangas e brigas, fraca instrução escolar, prostituição – dissimulada ou manifesta –, marido no estrangeiro¹⁰ e outros, temos que reconhecer que as condições estão criadas para uma desestruturação familiar que implica maus resultados académicos.

A desorganização familiar pode ser fruto do que já foi exposto, mas podemos ressaltar por exemplo o caso de emigração que pode ou não causar perturbações, pois não ter num espaço doméstico um pai, uma mãe e seus filhos não é uma condição para a desorganização familiar, isto porque, durante séculos o homem cabo-verdiano emigrou deixando os familiares para trás e isso não fez com que a família se desorganizasse. Houve sempre outros mecanismos de controlo e de suporte familiar.

A pobreza¹¹ (UNICEF – Nações Unidas Cabo Verde, 2011) constitui um elemento forte para reprodução de problemas familiares de crianças e adolescentes nascidos e crescidos em situação de pobreza, pois têm poucas alternativas, uma vez que, tal como a riqueza, a pobreza tem tendência a reproduzir-se por herança. No entanto, torna-se forçoso realçar que não há uma relação direta pobreza/insucesso. Contudo, ao se incorporar os objetivos comuns da sociedade em geral e se deparar com um acesso limitado à cidadania, caso não houver vínculos familiares e comunitários fortes, facilmente cai-se em situações problemáticas.

Concluindo, a família cabo-verdiana apresenta elementos estruturais de qualquer sociedade, como aliás assinalou C. Levis-Strauss (1980) no seu estudo sobre as estruturas familiares. Além disso, dentro de uma dada sociedade, as famílias apresentam um padrão de normalidades, ainda que se verifiquem desvios a esse modelo-padrão. Neste sentido, conclui-se que existem na família cabo-verdiana, especificidades, em termos de normalidades e anormalidades, que servem de referência para os propósitos do presente estudo que é ligar a realidade familiar cabo-verdiana com o tema das famílias multiproblemáticas, focalizado no insucesso escolar.

¹⁰ INE (2008) Estatísticas Demográficas 2007 de Portugal afirma que 56,1% de emigrantes cabo-verdianos em Portugal são do sexo Masculino. (esta tendência de ser o masculino a imigrar mais pode ser generalizada)

¹¹ Ver “Análise de Situação de Crianças e Adolescentes em Cabo Verde 2011” páginas 36-47.

2. FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS

2.1. Em torno da compreensão do conceito de Famílias Multiproblemáticas

As famílias multiproblemáticas são famílias que se caracterizam por um emaranhado sistema de problemas que provocam uma desestruturação no seio familiar espelhada numa obscura indefinição das funções e dos papéis de cada um dos seus membros (Sousa, 2005). São famílias que não constroem um projeto de vida refletido, mas centram-se nas próprias vivências diárias e são incapazes de se consciencializarem das suas potencialidades.

No que diz respeito a construção da inteligência emocional, Goleman (1997) constata que as famílias multiproblemáticas têm muitas dificuldades, pois são incompetentes no processo de gerar emoções, vivendo simplesmente momentos estanques. Essas famílias apresentam indefinições e instabilidades de várias ordens, nomeadamente na estrutura organizacional que são refletidas desde da falta de definição de tarefas e funções e das próprias regras de relacionamento (Sousa, 2005).

Muitos autores têm pesquisado e efetuado reflexões teóricas e estudos práticos referentes às famílias multiproblemáticas que demonstram a complexidade deste fenómeno social (Sharlin e Shamai, 2000) e que apontam para vivências familiares caóticas, independentemente do grupo social, económico e cultural, não obstante as famílias pobres serem as mais atingidas e expostas à sociedade e aos serviços sociais.

Neste contexto convém vincar que este fenómeno não se origina exclusivamente em ambientes familiares pobres ou de privação de recursos para a subsistência, pois podemos afirmar que é um fenómeno que atravessa todos os estratos sociais, económicos e culturais de uma sociedade (Matos e Sousa, 2004). E ainda torna-se necessário elucidar que ser pobre não significa necessariamente ser disfuncional, mas que a pobreza pode constituir um fator que pode implicar um esforço acrescido às famílias, mesmo as mais saudáveis (Hines, 1989) no sentido de dar resposta às demandas quotidianas em termos de organização, de satisfação de necessidades básicas e de competências familiares.

Assim, segundo Sousa (2005) não se pode resumir o fenómeno social das famílias multiproblemáticas à falta de rendimentos, mas que se deve alarga-la a questão de fragilidade na inserção social e da participação na vida comunitária.

Ao nível da designação os autores têm vindo a propor várias consoante o ponto de vista de cada um e assim podemos elencar, aqui, alguns para representar o esforço intelectual que tem sido dispensado a este tema ao longo do tempo: a fixação do termo “Famílias Multiproblemáticas” por Alarcão (2006), mas também usado por Cancrini, Gregório e Nocerino (1997) parece resolver o problema da designação desta realidade desagradável em que vivem certas famílias; a proposta de designação “Famílias em Extremo Stress” por Sharlin e Shamai (2000) concentraram os esforços na problemática inerente a situações de stress constante que determinadas famílias estão expostas; na mesma linha de tentativa de marcar um conceito representativo de famílias vivendo em stress sucessivo por motivo de os seus membros terem de enfrentar problemas de resolução complexas, Madsen (1999) propôs a designação de “Famílias Multistressadas”; Minuchin et al. (1998) chamaram as famílias que continuamente vivem em situações deficitárias ou que vivem em permanentes situações adversas de “Famílias Cronicamente Disfuncionais”; Summers et al. (1997) já tinham proposto o nome de “Famílias Multidesafiadas” porquanto são famílias que têm de enfrentar muitos desafios ou necessidades, colocando as mesmas em situações de crise permanente; Tomando uma abordagem diferente, Linares (1997) tinha designado as famílias com muitas dificuldades por “Famílias Multiassistidas” por serem assistidas por diversos serviços muitas vezes de forma descontrolada; “Famílias de Risco ou em Risco” foi a designação sugerida por P. Cowan C., Cowan e M. Schulz (1996) por motivos de estarem sob efeitos negativos de risco; Calapinto (1995), constatando que muitas famílias deixam de desempenhar as suas funções parentais e estas passam a ser desempenhadas por serviços sociais chamou estas de “Famílias Diluídas”; devido a situação de crise sucessivas que vivem nessas famílias Minuchin (1995) propôs a designação de “Famílias Multicrise”; a vivência familiar com défices generalizados, criando circunstâncias adversas permanentes conduziu Kagan e Schlossberg (Kagan e Schlossberg, 1989 cit. Por Sousa, 2005) a designação de “Famílias em Crise Permanente”; por falta de apoio externo e por estarem precisando de ajuda ao nível organizacional, social, financeiro e emocional Imber-Black (1988) chamou estas famílias de “Família Doente”; Rutter (1987) referia a

“Famílias Vulneráveis” para designar as famílias cujos membros acusam baixa-estima, depressão e pobreza e que apresentam comportamentos desajustados associados a fragilidades no seu seio e na relação com a sociedade e que por isso são vulneráveis; a disfuncionalidade extrema no que tange ao desempenho dos papéis familiares levou Aponte (1981) a designar por “Famílias Sub-organizadas” as famílias com este e outros problemas; exclusões sociais vividas por certas famílias fizeram com que Thiemy (Thiemy, 1976 cit. Por Sousa, 2005) as designasse de “Famílias Excluídas”; nos anos sessenta autores como Powell e Manahan (Powell e Manahan, 1969 cit. Por Sousa, 2005), Minuchin et al. (1967) e Voiland (Voiland, 1962 cit. Por Sousa, 2005) já tinham atribuído designações diferentes, respetivamente, “Famílias Isoladas” por terem problemas de integração social, “Famílias Desorganizadas ou Desmembradas” e “Famílias Associais” por apresentarem comportamentos sociais que podem ser ditos desviantes.

Todas essas designações têm razão de ser, mas neste nosso trabalho tomamos a designação “Famílias Multiproblemáticas” porque pensamos que ela abarca em extensão os problemas vividos por estas famílias e em significação o que pretendemos compreender.

Neste contexto nos convém realçar que nestas famílias ocorrem tragédias de múltiplas ordens e em variadíssimas circunstâncias (conf. Linares, 1997). Estamos a referir à acidentes que originam em consequência várias deficiências, mortes, doenças crónicas e outras tantas dificuldades humanas. Nessas famílias o bem-estar emocional e a saúde física acusam fragilidades que atormentam os seus membros, levando-os a um desassossego permanente e perturbador (conf. Alarcão, 2006). As condições de vida e de sobrevivência destas famílias deixam muito a desejar na medida em que têm habitações inseguras, trabalhos instáveis, têm relacionamento interpessoal deficiente ou inexistente, vivem em permanente disposições para a violência de toda ordem, consomem drogas abusivamente, envolvem em situações de infracção ao ordenamento jurídico, ou seja, transgridem, habitualmente a lei. Nestas condições diz Sousa (2005) que qualquer pequena dificuldade é suficiente para gerar tragédias, porque ocorre em contexto trágico, em que existe poucos requisitos para que haja uma resolução rápida e durável.

Nas famílias multiproblemáticas são frequentes não haver uma clara definição de papéis, uma vez que estes não se encontram firmemente estabelecidos ou solidificados, notando-se inconsistência e falta de controlo. (Wezman,1985)

São constantes as famílias com uma estrutura caracterizada por uma dinâmica de repetidas ruturas e reconstituições, com consequentes filhos de relações curtas no tempo e superficiais em termos emocionais. Encontramos, também, um corte relacional com um ou vários elementos da família, consequência de constantes conflitos.

No entendimento de Wezman (1985) distinguimos uma família multiproblemática por motivos de apresentar múltiplos problemas que se alongam no tempo, com uma forte intensidade e afectando se não todos, mas uma boa parte dos membros da família em questão.

Se quiséssemos interpretar a vivência no seio de uma família multiproblemática por expressões curtas, mas de longo alcance poderíamos nos socorrer de Linares (1997) que opina ser uma vivência caótica e sem organização adequada.

Estudos sobre famílias multiproblemáticas nos demonstram que estas famílias convivem com situações desagradáveis que levaram Summers et al. (1997) a atribuir-lhes características como: desafios múltiplos e de longa duração; sentimento de crise crónico; alienação; desamparo aprendido e baixa auto-estima.

A autora Sousa (2005) frisa que para além de as famílias multiproblemáticas serem desorganizadas e viverem num caos, relacionam sempre com problemas como a toxicodependência, insucesso escolar, depressão, psicoses, delinquência, prostituição, alcoolismo, violência e outros males familiares e sociais que comprometem a vida humana sadia.

No que respeita a comunicação e expressão as famílias multiproblemáticas apresentam deficiências graves que, no dizer de Sousa (2005), revelam o caos comunicacional espelhado na falta de clareza das mensagens.

Para Espstein et al (1993) a comunicação nestas famílias tende a ser uma comunicação mascarada e indireta, pois a mensagem é vaga e não é dirigida para um interlocutor determinado e por isso pode originar conflitos e em vez de resolver, complica e agrava os problemas.

Dado que os problemas vividos pelas famílias multiproblemáticas são muitas e sozinhas já não conseguem os enfrentar, ou seja, necessitam de envolvimento de terceiros na sua resolução, a autora Liliana Sousa (2005) afirma que elas constituem um dos desafios para técnicos de acção social e de saúde.

Não podíamos terminar esta exposição sobre as famílias multiproblemáticas sem referir à duas especificidades quase generalizadas na vida dessas famílias, a saber, o fato delas serem lideradas por mulheres (fulmer, 1989) que se tornam figuras proeminentes na gestão desorganizada dos núcleos familiares que maioritariamente assumem uma estrutura monoparental. A outra especificidade prende-se com o fato dessas famílias gerirem os seus rendimentos de forma deficiente sem estabelecer, na maioria dos casos, as prioridades nos gastos (Alarcão, 2006), conduzindo a conflitos e a desordens de várias naturezas.

Estamos consciente de que as vivências e as características das famílias multiproblemáticas têm todas as eventualidades que podem conduzir ao insucesso escolar e por isso não nos parece descabido a relação que se pode estabelecer entre estas duas problemáticas que neste trabalho pretendemos estudar de forma interligadas. Pois, se repararmos com cuidado, os filhos dessas famílias são deficientemente socializados, demonstrando ausência de proteção face ao exterior e falta de conhecimento das normas sócio-culturais, potenciando os conflitos com o meio. Como diz Sousa (2005) esses filhos são criados e vivem num círculo de abandono e de falta de cuidados.

3. O INSUCESSO ESCOLAR

3.1. A problemática insucesso escolar

O drama do insucesso escolar é relativamente recente e está ligado ao advento do fenómeno da massificação do ensino e da obrigatoriedade escolar (Benavente, 1990). É a partir dos anos sessenta do século XX que encontramos as suas primeiras manifestações. Foi então que se começou a exigir que as escolas, por razões económicas e igualitárias, encontrassem formas de garantir o sucesso escolar de todos os seus alunos. O que era atribuído, até então, ao foro individual, tornou-se subitamente num problema insuportável sob o ponto de vista social. A preguiça, a falta de capacidade ou interesse, deixaram de ser aceites como explicação para o abandono, todos os anos de milhares e milhares de crianças e adolescentes, do sistema educativo. A culpa do seu insucesso escolar passou a ser assumida como um fracasso de toda a comunidade escolar (conf. Marchesi, A. & Pérez, E., 2004). O sistema não fora capaz de os motivar, reter, fazer com que tivessem êxito. O desafio tornou-se tremendo, já que todos os casos individuais se transformaram em problemas sociais. A escola secundária era a menos preparada para a mudança. Durante séculos assumira como sua vocação hierarquizar os alunos de acordo com o seu rendimento escolar, seleccionando os mais aptos e excluindo os que não fossem capazes de acompanhar as exigências que ela mesma impunha. A sua nova missão era agora igualizar todos no sucesso educativo, garantindo zero porcentos de negativas! Este era o novo padrão que permitia aferir o sucesso de cada escola.

Vulgarmente, falar em insucesso escolar é o mesmo que falar em reprovações, restringindo esta problemática ao seu aspecto exclusivamente quantitativa – reprovações e abandono – ou a uma perspectiva visível, deixando de lado a perspectiva invisível ou qualitativa – frustrações individuais, formação inadequada à participação na vida ativa – como entendeu Pires (1988). Esta visão é considerada simplista, pois pode ser julgada como reducionista na medida em que examina simplesmente uma faceta da problemática que no nosso entender é complexa e multifacetada.

Assim consideramos que o fenómeno “insucesso escolar” não é redutível à sua visualização imediata, devendo ser tomado como algo complexo que resulta de disfuncionalidades presentes no indivíduo, escola, família e sociedade e, ainda, da

forma como estas entidades se articulam (conf. Benavente, 1976). O insucesso escolar numa das entidades referidas tenderá a transferir-se para as outras, o que torna difícil discernir e equacionar as suas causas quando nos reportamos apenas a uma delas. Como é evidente, o tipo de conhecimento que se tem sobre um determinado fenómeno irá influenciar, de forma determinante, as políticas tendentes à sua resolução.

Podemos afirmar que existe insucesso ou fracasso escolar quando algum ou alguns dos objetivos da educação escolar não são alcançados. Ora, a educação escolar tem como finalidade instruir, estimular e socializar os educandos, ou seja, a formação integral do jovem. Dito por outros termos, visa a assimilação de determinados conhecimentos e técnicas – instrução –, a construção harmonizada da personalidade do aluno – estimulação – e a acomodação de determinadas condutas e valores, visando uma sã convivência em grupo – socialização. Se algum destes objetivos, que constituem outras tantas dimensões da educação, não é atingido, pode dizer-se que há insucesso na educação escolar (Monteiro, R., 2009).

Neste contexto, os dados referentes à percentagem de reprovações no ensino não são por si suficientes para caracterizar o insucesso escolar (Benavente, 1976). Eles podem nos dizer que houve insucesso em relação à instrução, mas não nos permitem diretamente concluir que este insucesso, também, se verifica nas outras dimensões educativas como afirma A. Fernandes (1991).

Contudo, dados referentes à instrução escolar têm vindo a ser tomados por algumas análises correntes como indicadores do insucesso. Isso revela que na escola é valorizada a instrução em detrimento de uma conceção mais vasta de educação onde a dimensão personalista – formação de uma personalidade equilibrada, estimulação das potencialidades individuais – e a dimensão socializadora – criação de hábitos de cooperação, espírito crítico, participação em decisões comuns – são claramente subalternizadas. Frequentemente, acontece que estas dimensões não são tomadas em consideração num juízo global sobre insucesso escolar, quando realmente são essenciais na compreensão da problemática do sucesso ou insucesso do processo educativo (conf. Fernandes, A., 1991). E, ainda a recomendação europeia da rede Eurydice já tinha observado que não se pode tomar somente um indicador para entender o fenómeno do insucesso escolar (PEPT2000, 1995).

Diz-se que qualquer entidade apresenta insucesso quando não consegue atingir os objetivos propostos ou isso não acontece no tempo previsto. Pode ainda – e não obstante terem sido conseguidos os dois pressupostos anteriores – não existir uma adequação entre conteúdos realizados e os objetivos das partes envolvidas os quais, não raramente podem ser contraditórios.

Particularizando ao insucesso escolar, este é usualmente atribuído ao fato de os alunos não atingirem as metas – fim dos ciclos – dentro dos limites temporais estabelecidos e traduzindo-se na prática pelas taxas de reprovação, repetência e abandono escolar (Martins, A. e Cabrita, I., 1993). Este é o insucesso institucionalmente considerado. Existe contudo um outro tipo de insucesso escolar difícil de quantificar, mas provavelmente mais prejudicial: estamos a referir à circunstâncias quando não existe uma adequação entre os conteúdos transmitidos na escola, as aspirações dos alunos e a não conjugação destes fatores com as necessidades da vida social ativa, particularmente do sistema político, cultural e económico (Marchesi, A. e Perez, E., 2004).

Este segundo tipo de insucesso escolar pode ser ilustrado, para melhor compreendê-lo, através de um conjunto de questões teoricamente colocadas às quais cada um pode responder. Será que os alunos, que chegam ao fim de uma etapa escolar, estão preparados para ingressarem nos níveis imediatos de ensino, particularmente no ensino superior? Para desempenharem as funções no sistema científico, tecnológico e produtivo? Para aprenderem por si a aprender? Para compreenderem os fenómenos culturais, políticos e ideológicos do mundo ou do país onde vivem? (Marchesi, A. e Perez, E., 2004)

Por outro lado, deve-se considerar se há adequação entre as aspirações dos alunos e os conteúdos transmitidos na escola; se o que se transmite na escola adequa a vida social que os alunos vão encontrar depois de realizarem o seu percurso escolar; se as habilidades adquiridas estão em sintonia com as necessidades laborais.

Retomando o conceito de insucesso escolar, institucionalmente considerado, importa refletir sobre o que é a reprovação – indicador que costuma definir o nosso conceito sendo por vezes equivalentes, isto é, as taxas de insucesso escolar são quantificadas pelas taxas de reprovação. A reprovação tanto pode ser vista como uma sanção por o aluno não ter aproveitado o saber posto à sua disposição, por nítida incapacidade deste,

como o reconhecimento de o aluno não ter apreendido os conhecimentos mínimos necessários para passar aos níveis seguintes (Benavente, 1990).

Em síntese, podemos falar de dois tipos de insucesso escolar: um, em que há uma redução do conceito à quantificação de um dado fenómeno observável e escolarmente determinado; outro, mais complexo e de difícil quantificação, que se prende com o não atingir das metas individuais e sociais de acordo com as aspirações dos indivíduos e as necessidades dos sistemas envolventes (Mendonça, A., 2006).

O insucesso escolar deve ser entendido como uma realidade que envolve um conjunto de factores e agentes que põe em destaque não apenas o aluno, mas os professores, os pais, o ambiente que rodeia a criança, a instituição em si, os responsáveis pela educação nacional e, enfim, toda a sociedade. Daí a complexidade da questão que não pode ser compreendido parcialmente, mas numa visão global, sistémica e sistemática, considerando todos os factores pessoais, interpessoais e institucionais, embora, algum fator possa ter mais peso, dependendo das situações. (conf. Relvas, 1982)

Hoje deve insistir-se na interação ou convergência de todas as circunstâncias e, em particular, de todos os intervenientes: alunos que, à medida que vão crescendo, se devem responsabilizar mais; professores; pais; psico-pedagogos e políticos de educação – responsáveis pelos programas, pela formação dos professores, etc. (Marchesi, A. e Perez, E., 2004)

Para consciencializarmos da complexidade do problema, basta pensar que há alunos “inteligentes”, mas que fracassam, e alunos mais modestos intelectualmente e que obtêm sucesso; há alunos pobres e de meios degradados, mas bem-sucedidos, enquanto outros mais abastados e de ambientes favorecidos podem não ter sucesso. Sinal de que estão em causa muitos factores e que é necessário ter uma visão abrangente do fenómeno. Além disso, os diversos factores não se encontram isolados entre si, mas estão intimamente interrelacionados e sujeitos a uma causalidade complexa (conf. Morin, E., 1994). Os agentes que interagem no processo de formação se implicam mutuamente de tal modo que não podemos considerar uns em detrimento de outros, pois cada um tem a sua missão a desempenhar e depende de todos os outros para que possa realizar com sucesso as suas tarefas, contribuindo para o sucesso global que no fundo é o que todos preconizam. O aluno, os professores, os pais, a família, a escola, a sociedade são partes integrantes de um processo complexo que tem por finalidade o bem-estar ou a

realização integral de cada indivíduo entendido como pessoa. Podemos dizer que estamos perante um problema complexo que se produz mediante uma causalidade complexa (Rovira, J., 2004).

Ao acreditar-se que as culpas do insucesso residiam essencialmente no aluno, pela sua ausência de capacidades, assinalava-se esse traço que o distinguia dos outros: era reprovado, tinha de repetir, repetência a um tempo assumida como castigo e como nova oportunidade. Às vezes, sem grandes expectativas e sem resultados positivos, atribuindo ao aluno uma imagem negativa de fracassado. (Marchesi, A. e Perez, E., 2004)

Conceito que a própria linguagem familiar interiorizou. E pode ainda ouvir-se de pais de hoje que “a minha não tem cabeça” ou que “a cabeça dele não dava para estudar”¹². (conf. Goddard, R., Tschannen, M., e Hoy, W., 2001)

Só quando a escola é posta em causa, deixando de se focar apenas no aluno ou no seu contexto sociofamiliar, se concluiu que, perante a diversidade do seu público, ela não podia continuar monolítica. Afastada a visão fatalista, quer da teoria dos dotes naturais, quer da do *handicap* sociocultural (Costa, M., 2008) investe-se na transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando “adaptá-la” às necessidades dos diversos públicos que a frequentam (Benavente, 1989).

3.2. Possíveis causas e consequências do insucesso escolar

Pretendendo fazer uma listagem das causas do insucesso escolar deparamos com várias dificuldades e controversas na medida em que não se compreende só o fenómeno em si, mas pressupõe que se identifiquem também os seus responsáveis. Neste ponto ninguém se acha inteiramente culpado e que no nosso entendimento constitui uma verdade, pois a rede que produz o insucesso parece enlaçar todos os intervenientes sem discriminação (conf. Morin, E., 1994). A grande dificuldade destas análises, na nossa opinião, pode residir no fato de ser difícil separar os elementos constitutivos do fenómeno e ser impossível isolar uma causa que possa ser considerado determinante no processo. Como

¹²Confrontar com as respostas 24, 25 e 29 no anexo 6 desta Monografia.

questionou J. Rovira, (2004) fracassa os indivíduos, ou fracassa a sociedade, a escola e as políticas educativas?

Passamos a apresentar de seguida algumas causas do insucesso escolar arrumadas em função dos seus agentes.

Nos alunos: Podíamos considerar que os atrasos de desenvolvimento cognitivo pudessem explicar as causas individuais do insucesso escolar, atendendo as várias técnicas que têm vindo a ser utilizadas, como as escalas psicométricas de inteligência. Estas técnicas podem constituir bons indicadores para identificar estas causas individuais, mas não podemos abusar delas porquanto se pode constatar que muitos alunos que falham nos resultados escolares, têm um desenvolvimento que pode ser considerado normal. (Fontes e Archer, 1985)

Podemos considerar a instabilidade como uma característica da adolescência e pode ser tomada como uma causa individual do insucesso escolar (conf. Portes, É., 2000). Muitas vezes, conduz o aluno a não querer estudar as matérias, e, possivelmente, a ter maus comportamentos, atendendo a opinião segunda a qual nalguns casos são factores individuais que precipitam a existência de dificuldades escolares (Palácios, J., 2004).

A problemática da adaptabilidade à escola por parte do aluno pode conduzir ao insucesso escolar, pois como alude Mineiro (2000) o aluno com insucesso escolar é aquele que não se encontra em condições de superar com êxito as exigências de adaptação à escola.

Nas famílias: No estudo realizado por Formosinho (1978) já se colocava em enfase o papel da família relativamente ao sucesso ou insucesso escolar dos filhos. A não assunção das responsabilidades familiares pode constituir um facto gerador de causas do insucesso escolar nos alunos pertencentes a essas famílias. Normalmente o estilo parental designado de pais autoritários associado a conflitos familiares acarretam problemas que conduzem, inevitavelmente, os alunos a desinteressar-se pelo seu percurso escolar, adotando, por vezes, comportamentos desadequados com o que se pretende alcançar na escola, arrastando consigo o insucesso escolar e quiçá todos os outros insucessos futuros na vida desses alunos.

A origem social tem sido uma causa usada para justificar os piores resultados, sobretudo quando são obtidos por alunos oriundos de famílias de baixos recursos económicos, onde aliás se encontra a maior percentagem de insucessos escolares (Monteiro, 2009).

Nas famílias desfavorecidas (Benavente, 1976), por exemplo, os pais tendem a ser mais autoritários, impregnando nos filhos normas inflexíveis que apontam para a obediência cega. Ora, quando estes chegam à adolescência revelam-se pior preparados para enfrentarem as dificuldades advindas do processo de afirmação da sua independência. A sua instabilidade emocional torna-se mais profunda, traduzindo na falta de modelos e valores estáveis, levando-os a apostar pouco na escola.

Os alunos oriundos destas famílias raramente são motivados pelos pais para prosseguirem os seus estudos; pelo contrário incentivam-nos ao abandono escolar basta que apareça imediatamente sinais de insucesso, explicando, assim, as elevadas taxas de abandono por parte destes alunos (Wyness, 1997).

A linguagem que estes alunos são motivados a utilizar na escola é desfasada da linguagem que utilizam no seu meio familiar, isso aumenta, progressivamente, as suas dificuldades de compreensão e integração no meio académico, levando-os a desinteressarem-se pela escola. Para prosseguirem nos estudos são obrigados a renunciarem à linguagem utilizada no seio familiar a ganharem os conceitos tal e qual a vontade da escola. (Pringle, 1998)

Os valores culturais destas famílias são opostos aos que a escola propõe e supõe – mérito individual, espírito de competição, etc. Isto origina um conflito axiológico que os alunos oriundos destas famílias estão pouco preparados para enfrentar. O resultado é não se identificarem com a escola (Benavente, 1992).

Os pais que não assumem, cabalmente, as suas funções na educação dos filhos são apresentados, hoje, como uma das causas mais referidas para justificar o insucesso escolar dos filhos (Mendonça, A., 2006). Envolvidos nas suas atividades quotidianas da procura de meios de sobrevivência, muitas vezes esses pais nem tempo têm para si próprios, quanto mais para se dedicarem à educação dos filhos. Quando se dirigem às escolas raramente é para colaborar, donde se pode opinar que essas famílias deixam os filhos desacompanhados e mal informados tanto da sua vida escolar do momento como da sua vida futura. (conf. Rau, M. et al, 1985)

Nos professores: Para que se realize o processo de ensino/aprendizagem é inevitável que haja entre o professor e o aluno o estabelecimento de comunicação. Neste contexto, o modo como o professor entende o aluno e como este entende aquele é importante para

que haja sucesso educativo. Estudos já efetuados pelos psicólogos Rosenthal e Jacobson (1971) chamaram atenção para a problemática em torno das representações que o professor tem dos seus alunos, ou seja, o que o professor pensa e espera dos seus alunos influencia a maneira como lhes transmite os conhecimentos e como os avalia. Portanto as expectativas dos professores face aos alunos podem surgir como um factor para o insucesso escolar se forem negativas.

Os professores criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos. Isto pode influenciar o desempenho escolar desses (Mendonça, A. 2006). Embora não sejam os professores a inventar os bons e os maus alunos, os seus preconceitos são muitas vezes inconscientes e podem prejudicar os alunos sem que se apercebam.

A maioria dos professores detêm um padrão de avaliação que tende a coincidir com uma curva normal. Assim, na avaliação que eles produzem, partem em geral do pressuposto que apenas alguns alunos são bons, a maioria são médios, e proporcionalmente ao número dos primeiros, existem uns quantos que são mesmo maus e tem que ser eliminados. Neste contexto devemos nos lembrar que o professor é um agente educativo normativo por excelência que classifica, atribui notas através de fórmulas generalizadas (Avanzini, G., s/d)

A avaliação é um processo que varia em função de uma multiplicidade de factores. Os costumes pedagógicos, o meio escolar, os métodos de avaliação, as disciplinas, os professores, os critérios utilizados, apontam para que a avaliação seja um forte contributo para o insucesso escolar. E aqui é o professor que tem mais responsabilidade porque depende dele a ingrata tarefa de avaliar. (Paro, 2001)

Nas escolas: A maneira como a escola está organizada pode contribuir de diferentes formas para o insucesso dos alunos (Teixeira, 1995). Frequentemente esquece-se esta dimensão do problema, pelo que vejamos alguns casos típicos.

Se as escolas tiverem um elevado número de alunos e as turmas forem superlotadas como tem vindo a acontecer, tendem igualmente não apenas a provocar o aumento dos conflitos (Henry, 1996), mas sobretudo a diminuir o rendimento escolar individual (Parsons, 1981).

Se a qualidade do meio interno que se vive numa escola não for as melhores e as desejadas, o comportamento dos seus membros será afetado, contribuindo para o seu

sucesso ou fracasso. E sabemos que o clima escolar resulta de uma enorme variedade de fatores como as atitudes, esperanças, valores, preconceitos dos professores e alunos, o tipo de gestão, instalações de qualidade e bem equipadas, localização da escola, etc (conf. Mendonça, A. 2006). O problema é identificar quais são as causas determinantes para um mau clima escolar. Mas temos de acreditar que os alunos que trabalham num bom clima tendem a obter melhores resultados.

Nos currículos: Os currículos escolares dos alunos devem estar de tal modo desenhados de maneira a integrar os conhecimentos para que possam ingressar nos novos ciclos possuindo os requisitos necessários, pois só assim se pode garantir, na medida dos possíveis, que não haja insucessos.

Se os currículos não forem concebidos pesando o mais global possível, numa lógica de integração dos conhecimentos que apostam no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, podem conduzir ao insucesso como argumenta Sancristán (2000).

Currículos extensos que não possibilitam que os professores usem metodologias ativas podem dar lugar ao insucesso, pois, a necessidade de cumprir os programas pode tornar impossível a adoção de estratégias mais ativas e retira tempo ao professor para atender as dificuldades individuais de aprendizagem que constata nos alunos, isto na medida em que os horários são desadequados dos programas. (Mendonça, A., 2006)

Os programas desarticulados fazem com que o aluno repita os mesmos conteúdos, de modo diverso e incongruente ao longo dos anos e nas disciplinas, levando-o a desmotivar-se pelas matérias, e a sentir-se baralhados. Isto exige, no entender de Sancristán (1998), uma planificação para que haja adequação e possibilitar o combate ao insucesso.

Os currículos têm de dar oportunidade para o exercício da criatividade de modo a incentivar processos de transformação que podem diminuir o insucesso escolar. (Freire, P., 1987)

Quando se implementa mudanças curriculares temos que assumir que estas passam por um constante esforço de adequação às condições culturais para não desembocarem em insucessos. (Sancristán, 1996)

Ainda podemos afirmar que se as cargas horárias semanais forem elevadas, ocupando os alunos em atividades letivas excessivas, podem originar insucesso. Os alunos têm pouco

tempo para outras atividades de afirmação da sua individualidade, como, desenvolvimento de hábitos de convivência, participação em ações coletivas em prol da comunidade, etc.

No Sistema Educativo: Existindo pouca diversidade nas ofertas de formação, pode acontecer que os alunos são conduzidos a seguirem cursos desadequadas da vocação de cada um. Acontece, também, que existindo diversidade, mas sem enquadramento no mercado de trabalho, o jovem pode até ter sucesso na formação, porem terá dificuldades na transição para a vida ativa. A este respeito N. Gilly (1971) sustenta que a inadequação dos sistemas, pela sua falta de qualidade pode originar insucessos.

Concluindo dir-se-ia que são as situações sociais, familiares e escolares que actuam, entrelaçando-se e provocando o insucesso escolar (Morin, E., 1994).

4. FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS E INSUCESSO ESCOLAR

Depois de uma viagem pelos meandros do conhecimento relativamente às famílias multiproblemáticas e ao fenómeno do insucesso escolar, impõem-se explicar a sua relação como forma de conclusão.

O insucesso escolar nas famílias multiproblemáticas pode ser entendido como uma dimensão da exclusão social na medida em que para as crianças oriundas dessas famílias a escola constitui, salvo exceções, fator de insucesso escolar que acaba por gerar exclusão social (Nascimento, A., 2007). O Insucesso escolar surge como um dos problemas vividos por famílias multiproblemáticas, assumindo como uma das suas consequências, porquanto pode ser um dos dramas vivenciados por famílias desestruturadas provocado por uma má relação com a escola e o sistema educacional vigente. (conf. Santos, 2011)

É muito visível a falta de educação, no geral, nas crianças e adolescentes oriundos de famílias que sofrem de inconvenientes organizacionais como dificuldades na definição de tarefas e funções e no estabelecimento de regras de relacionamento. Aí o insucesso escolar surge como mais um problema educacional no que diz respeito à instrução escolar porquanto o insucesso escolar pode ser analisado como reflexo de disfuncionamento ao nível do aluno, da família, dos programas ou do professor (Roazzi, A. e Almeida, L., 1988)

É notável o fato de nas famílias multiproblemáticas nas quais só a mãe relaciona com a educação escolar dos filhos existir o insucesso escolar, pois, é a única a acompanhar, quando isso acontece, a vida escolar desses, assumindo o papel de educadora e por isso influenciando o sucesso ou insucesso escolar (Heymann e Alison, 2000). Aqui o insucesso é entendido como reprovação e como deformação no processo de socialização, surgindo como consequência de falta de acompanhamento da família em relação aos seus educandos, pois a presença dos pais na vida escolar dos filhos é importante tanto para estes como para a escola (Allen e Fraser, 2002). Em muitos casos, a mãe traz consigo um rol de problemas associados que só poderiam complicar, pois tem baixo nível académico ou não tem, desconfia de tudo e de todos porque já passou por várias relações desastrosas, faz o que pode para tentar encontrar recursos para a sobrevivência, não tem tempo para se dedicar ao acompanhamento educativo dos filhos,

apesar de assumir um papel central na sua educação (Minuchin et al, 1967). Em fim, é uma mãe que carrega consigo vários tipos de insucesso que, portanto, gerou insucesso escolar nos filhos.

Cancrini et al (1997) refere ao pai como um pai periférico, ou seja, a figura de pai nessas famílias não abona para que os filhos tenham sucesso escolar, pois este tem um nível de escolaridade modesto, praticamente não participa na formação pessoal e social dos filhos e quando participa o faz deficientemente. Nunca aparece na escola, não tem noção do que é transmitido na escola, deixa estas tarefas para a mãe que como já se disse realiza-as com dificuldades. Um tal pai, presente ou não, mas sempre ausente, é fonte de insucesso nos filhos, pois segundo Minuchin et al (1967) este pai surge como uma figura com papel secundário ao nível afetivo e económico.

Se juntarmos aos perturbados recursos humanos os recursos outros como a fragilidade ao nível de saúde física, condições de habitabilidade precárias, condições económicas débeis etc, os resultados apontam para insucessos de várias ordens e, portanto, do escolar em particular. Sem uma boa alimentação a criança ou o adolescente rende pouco no desempenho escolar, logo os seus resultados ficam aquém do desejável; sem um espaço onde habitar com algum conforto, os estudos jamais podem ter frutos pretendidos. O desfecho é o insucesso escolar, pois nada ajuda para que o contrário seja idealizado se não houver uma intervenção sistemática e sistémica nestas famílias geradoras de insucessos, pois segundo Formosinho, J. (1978) os fatores extra-escolares têm bastante mais influências no sucesso escolar que os fatores escolares, isto enfatizando o papel da família no aproveitamento escolar dos filhos.

Crianças e adolescentes provenientes de famílias cuja estrutura familiar foi destruída ou nunca se construiu são potenciais alunos com insucesso escolar na medida em que os pais mantêm relações instáveis e inseguras, transmitindo esta instabilidade e insegurança aos filhos enquanto alunos instáveis e inseguros no processo de aprendizagem. Essas famílias não conhecem o valor das suas crianças e por isso não proporcionam-lhes um desenvolvimento harmonioso. (conf. Barradas, A., 2008)

Nas famílias multiproblemáticas os pais falham no que toca aos cuidados que devem prestar aos filhos. Esta falta de cuidados conduz a um sentimento de desproteção por parte dos filhos que, sentindo-se desprotegidos, encontram-se desmotivados para os estudos, projetando o insucesso escolar, pois os pais têm obrigação de cuidar físico,

emocional e espiritualmente dos filhos (Barradas, A., 2008) para que possam alcançar sucessos.

Concluindo, dir-se-ia que, por várias razões, o sucesso escolar pressupõe um bom ambiente familiar para que possa acontecer. Nas famílias multiproblemáticas o ambiente familiar é desagradável e, conseqüentemente, pode facilitar o insucesso escolar se não houver a realização de um trabalho psicosociopedagógico com estas famílias.

II PARTE – INTERVENÇÃO PRÁTICA: ESTUDO DE CASO

5. INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NUMA FAMÍLIA MULTIPROBLEMÁTICA ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICA E SISTEMÁTICA

Tendo como objetivo realizar uma intervenção nas famílias que frequentam o CEI do Mindelo e no sentido de operar mudança nos comportamentos dos seus filhos relativamente ao insucesso escolar, passamos a apresentar uma espécie de terapia familiar segundo uma abordagem sistémica e sistemática que foi desenvolvida ao longo do nosso estágio no referido Centro.

Impõe-se desde já saber que a abordagem sistémica em Terapia Familiar assenta em dois paradigmas científicos fundamentais do século XX que se aplicam ao estudo do comportamento humano: a Teoria Geral dos Sistemas¹³ e a Cibernética.¹⁴

Aplicando esta abordagem à família, esta aparece como um conjunto de pessoas entre as quais existem, de um modo repetitivo, interações circulares, ou seja, o comportamento de um dos seus membros afeta todos os outros elementos e estes funcionam em reciprocidade. Assim, qualquer terapia que se queira implementar neste sentido estará orientada para uma mudança na estrutura familiar, pois quando a estrutura familiar é transformada, as posições dos membros nesse grupo ficam alteradas e, por consequência, as experiências de cada indivíduo mudam.

De 1952 à 1962, uma equipa constituída por estudiosos de vários campos de saber, como psiquiatria, antropologia, engenharia e comunicação, desempenhou um papel determinante para a génese da abordagem sistémica. Integraram esta equipa de académicos Gregory Bateson, Jay Haley, John Weakland, Fry e Don Jackson.

Por exemplo, foi a partir dos trabalhos de investigação desta equipa notável que a doença mental passou a ser definida como uma dificuldade de comunicação, mudando assim fundamentalmente a perspetiva terapêutica: a terapia deixou de estar centrada

¹³ Segundo a teoria de sistemas, ao invés de se reduzir uma entidade para o estudo individual das propriedades de suas partes ou elementos, se deve focalizar no arranjo do todo, ou seja, nas relações entre as partes que se interconetam e interagem orgânica e estatisticamente. A teoria de sistemas, cujos primeiros enunciados datam de 1925, foi proposta em 1937 pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy, tendo alcançado o seu auge de divulgação na década de 50.

¹⁴ Em 1956 Ross Ashby introduziu o conceito na ciência cibernética (Ashby, W. 1970).

exclusivamente no indivíduo e nos seus problemas intrapsíquicos para passar a englobar o sistema familiar e a rede social.

Até aos Anos 60, o sistema familiar era considerado como qualquer coisa a observar separada do observador – o terapeuta. Somente nos Anos 80 e, mais particularmente, após a publicação da obra dirigida por Watzlawick,¹⁵ o observador passou a ser encarado como agente construtor da realidade que está a observar. Assim, o sistema familiar e o terapeuta constituem um novo sistema: o sistema terapêutico.

A noção de um sistema terapêutico implica que não se considere a terapia como um processo de influência linear de um terapeuta sobre o sistema familiar, mas sim um processo de influência mútua e de interestimulações entre dois sistemas – Terapeuta e Família – cada um deles sendo influenciado pela sua própria rede social.

Neste contexto, surge a noção de realidade co-criada na qual um observador – o terapeuta – e o que é observado – a família – estão encadeados no plano da interação em que uma objetividade do observador é impossível.

Convém recordar que a teoria geral dos sistemas, criada na década de 30 do século XX por Ludwing Von Bertalanffy,¹⁶ defende que para conhecer um organismo vivo, temos de considerar as propriedades dos seus órgãos individualmente, associando estes à todas as relações entre os vários elementos constitutivos do organismo e atendendo a organização entre esses.

Bertalanffy (1975) definiu sistema como um conjunto de unidades em inter-relações mútuas, incluindo, ao mesmo tempo, função e estrutura. Assim a terapia familiar deve ser desenvolvida, atendendo a esta noção de sistema de modo a considerar que dificuldade num elemento da família afeta os outros elementos e é afetado por estes.

E considerando o sistema familiar temos que ter em conta a existência de vários subsistemas que interagem, constituindo um todo estruturado ou desestruturado, como

¹⁵Paul Watzlawick, austríaco nascido em 25 de Julho de 1921 e falecido em 31 de Março de 2007, foi um dos mais notáveis teóricos da Teoria da Comunicação e tem importantes trabalhos ao nível das terapias familiares e na psicoterapia. Estudou Psicologia e Filologia.

¹⁶Karl Ludwig von Bertalanffy nasceu em Viena no dia 19 de Setembro de 1901 e faleceu em Nova Iorque no dia 12 de Junho de 1972. Foi o criador da Teoria geral dos sistemas. Defendeu uma abordagem orgânica da biologia e tentou fazer aceitar a ideia de que o organismo é um todo maior que a soma das suas partes.

no nosso caso de uma família multiproblemática. Subsistemas como o individual, o parental, o conjugal, o fraternal etc. (Relvas, A. 2000).

Temos que aceitar que, neste âmbito, a família é mais que a soma dos seus elementos e o que concede a unicidade à família são as relações estabelecidas, as formas de comunicação, as atividades desenvolvidas, os valores defendidos, o afeto, as funções e os papéis desempenhados etc. Se houver distúrbios que perturbam esta unicidade, a família pode ser afetada negativamente dando espaço para a formação de famílias multiproblemáticas que arrastam consigo o insucesso escolar como consequência de falta de organização. Nestes casos, a estrutura familiar – conjunto de ações funcionais que têm como finalidade organizar a interação entre os membros do sistema através de regras e normas de conduta – deixa de ser uma realidade e cada membro da família passa a agir por si, originando falhanços intransponíveis se não for combatido afincadamente.

O sentimento de pertença a uma família define-se pelo grau de interações entre os seus elementos. Se as interações são inoperantes como é o caso das famílias que seguimos no CEI, logo os problemas se multiplicam numa progressão geométrica, tipo bola de neve, originando nas crianças e adolescentes pertencentes a essas famílias todos os tipos de comportamentos inadequados à uma sã convivência, portanto dando lugar ao insucesso escolar como uma consequência.

Se no CEI os esforços se concentrarem simplesmente na criança e não alargar à família, o objetivo que é tudo fazer para o bem-estar da criança jamais será atingido. E por isso há necessidade de desenvolver acções de intervenção com a família tal e qual a que desenvolvemos enquanto estagiária no referido Centro como meio de tentar encontrar solução plausível e melhorar a vida das crianças e das suas respetivas famílias.

Há a opinião de que as famílias se organizam através de uma estrutura de relações e que a forma como cada uma se a faz é singular ou é diferente de todas as outras, refletindo na prática a forma como se organiza os elementos, as interações, os papéis e as funções.

A estrutura familiar surge como consequência de transações e comunicações contínuas que conduzem a padrões de relação que regulam o comportamento dos seus elementos. Convém salientar que a estrutura tem um limiar de tolerância a padrões alternativos que, quando ultrapassados, podem fazer nascer mecanismos que rompem os padrões

preferidos. Por exemplo, os padrões de autoridade são importantíssimos na organização familiar na medida em que comportam em si um potencial para a harmonia ou para o conflito, podendo ser desafiados por elementos da família que vão crescendo e ganhando experiências exteriores a família. Normalmente os filhos enquanto crianças são dóceis em aceitar as regras dos pais, mas tendem a contestar e a desafiar essas regras ao longo do seu crescimento. No caso de famílias nas quais os pais já têm problemas a contestação o desafio por parte dos filhos é maior e os problemas comportamentais são agravados e a vida escolar desorganiza-se, criando um ambiente propício ao insucesso escolar.

Na nossa intervenção estivemos sempre convitos de que consciencializando os pais dos problemas e capacitando-os através do que chamamos a “Escola de Pais” as relações familiares poderiam melhorar e o insucesso escolar poderia ser debelada.

Se tomarmos a família como um sistema, verificamos que na sua formação e desenvolvimento existem momentos de estabilidade e momentos de crise. Quando a estrutura funciona, atendendo ao estabelecimento e aceitação mútua das regras e normas, ao desempenho competente dos papéis e funções, o sistema cresce e desenvolve. Se, pelo contrário, estiver numa situação de crise, por qualquer motivo, o sistema tende a não funcionar e a desestruturação pode tomar conta da família, conduzindo a sua destruição se não for tomada medidas de recuperação do sistema.

Sendo a família um sistema, o fato de um membro viver um problema, terá um impacto significativo em cada um dos outros membros e no todo familiar. Disto tivemos a oportunidade de verificar ao contatarmos com famílias multiproblemáticas que frequentam o CEI, em que há um mal funcionamento do sistema familiar. Essas famílias se mostram incapazes de desempenhar satisfatoriamente as suas tarefas organizativas como cuidar dos filhos, proteger os membros mais débeis ou em dificuldades, apoiar economicamente, zelar pela instrução e educação das crianças etc. Também, são incapazes de responder de maneira satisfatória as suas tarefas expressivas como as exigências afetivas, a gestão das tensões, a sustentação emocional das crianças etc.

Concluindo, as abordagens sistémicas e sistemáticas nos dão uma visão global no entendimento da realidade familiar, permitindo-nos intervir, quando for necessário, na totalidade de modo a melhorar o indivíduo em dificuldades através de ações envolvendo toda a família e o técnico como um sistema.

5.1. “Escola de Pais” como intervenção com famílias, focando numa Família Multiproblemática

No sentido de desenvolver uma intervenção sistémica e sistemática com os pais das crianças e adolescentes que frequentam o CEI, criamos um projeto que apelidamos de “Escola de Pais” com o objetivo de melhorar os comportamentos familiares e, consequentemente, melhorar o desempenho escolar dos seus filhos.

A ideia da intervenção surgiu após várias observações e conversas informais tidas com a responsável do Centro, as monitoras e a assistente social das quais sobressaíram várias problemáticas que põe, de certo forma, em causa a construção de um projeto de vida das crianças e dos adolescentes do Centro. Entre estas problemáticas podemos destacar a proveniência destas crianças de lares disfuncionais e multiproblemáticas, cujas práticas educativas se definem pela inconsistência, punição e/ou falta de afeto. Muitos dos pais possuem baixos níveis de satisfação com a vida e, consequentemente, baixa auto-estima.

Os pais são de opinião de que há necessidade de novas estratégias na reeducação dessas mesmas crianças e adolescentes. Por esta razão sugerimos que a “Escola de Pais” seja continuada quinzenalmente e que nela sejam incluídos temas que despertam os pais no sentido de verem a importância que têm na educação dos filhos e, de certa forma, capacita-los para esta tal prática.

Nisso foi feita uma proposta de intervenção dirigida aos pais com o objetivo de capacita-los para melhorar as relações familiares e potenciar o sucesso académico nos filhos como já foi referido.

Para a realização da investigação, optou-se por usar técnicas da metodologia qualitativa com apoio em observações, entrevistas e grupos de reflexão – dinâmicas e exposição – com pais dos adolescentes do CEI.

A intervenção realizou-se no CEI do Mindelo e para situar o universo passamos a apresentar algumas informações acerca do referido Centro que fica situado no Largo Don Bosco, atrás da Escola dos Salesianos. É uma Instituição governamental inaugurado em 01 de Março de 2004.

O CEI trabalha na proteção da infância dos zero aos doze anos. No momento possuía 22 crianças com idades compreendidas entre os 0 e 14 anos provenientes da Delegação do

ICCA¹⁷ em São Vicente, Polícia Nacional, Hospital Baptista de Sousa, Linha disque denúncia, Tribunal de São Vicente, Centro de Recuperação Nutricional, Casa Crisanto, Sociedade Civil.

Atua 24 horas por dias com o objetivo de retirar as crianças do contexto familiar adverso por um período e trabalhar com os familiares no sentido de devolver a mesma. Se não for possível, põem a hipótese de uma família substituta ou adoção.

O CEI é um espaço composto por uma sala técnica, três quartos de dormir, duas casas de banho, uma cozinha, um refeitório/sala de atividades, duas arrecadações pequenas, quintal e pátio dianteiro.

A equipa que trabalha no CEI é composta por um responsável, uma educadora social, uma psicóloga, cinco monitoras sem formação trabalhando por turnos, uma cozinheira, uma empregada de limpeza, dois guardas trabalhando por turnos e um condutor que trabalha para o CEI e para o ICCA, simultaneamente.

No CEI desenvolvem diversas atividades e passamos a elencar as que mais chamam a atenção: Fazem o atendimento psicossocial da Criança e da família individualmente e em grupo; introduzimos a intervenção que demos o nome de “Escola de Pais” – reuniões para discussão de temas; fazem visitas domiciliárias; elaboram relatórios sociais; realizam Estudo de Caso; encaminham as famílias a outros programas de atendimento social à família; Desenvolvem programas especiais para as férias escolares e de Verão com um leque de atividades desportivas, culturais e sociais, visitas de estudos; diariamente, realizam atividades lúdicas, pedagógicas e de lazer; efetivam integração escolar e acompanhamento escolar e de jardim; efetuam acompanhamento hospitalar; fazem encaminhamento e acompanhamento dos casos atendidos; comemoram de datas importantes e festivas; mensalmente, fazem um lanche dos aniversariantes de cada mês do ano; acompanham casos à Conservatória para registo de nascimento.

As crianças são encaminhadas para diversos grupos, atendendo o melhor possível para cada caso e depois de uma ponderação demorada. Assim podem ser encaminhadas para a família biológica nuclear – pai e mãe; para a família alargada – avós, tios, padrinhos;

¹⁷ ICCA – Instituto Cabo-verdiano da Criança e do Adolescente.

para as famílias substitutas; para as famílias de acolhimento; para outros centros de acolhimento; para a adoção.

O CEI atende, diariamente, crianças em situação de risco como maus-tratos, abandono, negligência, abuso sexual, conflitos familiares, sem abrigo, mães com problemas mentais etc.

Das observações feitas, constatou-se que o Centro necessita de um espaço maior com mais quartos de dormir, sala de estudo, gabinete de Psicologia, refeitório, espaço para diversão; de um psicólogo permanente para acompanhar as crianças e os pais; de um professor com formação para orientar as crianças no estudo; de mais monitoras; de materiais perecíveis, como produtos de higiene, caixa de primeiros socorros etc; de mais uma empregada de limpeza; de materiais didático.

A intervenção foi desenvolvida através de 6 sessões no período compreendido entre 16 de Novembro de 2009 e 12 de Março de 2010 numa sequência de quinze em quinze dias, com a duração de 60 a 90 minutos. A participação esperada era de 20 pais, mas devido a razões alheias a nossa vontade, nem sempre foi possível reunir todos. Não obstante, participaram a maioria e a motivação foi sempre crescente ao ponto de ao chegarmos no fim das sessões havia por parte dos pais um sentimento de necessidade de continuação, pois os progressos havidos no domínio de mudanças de comportamento apontavam para melhorias e quiçá de solução dos problemas. Por isso era opinião generalizada de que a intervenção deveria continuar porque tinha potencialidades de atingir os seus objetivos.

Cada sessão tinha o seu objetivo específico e os assuntos em torno dos problemas diagnosticados anteriormente iam surgindo de forma suave através da realização de dinâmicas, exposição de temas e debates as vezes muito participativas que dava a sensação de que todos já conheciam as teorias. Da nossa parte e logo no início verificamos que os pais conhecem minimamente os problemas e as suas possíveis soluções, mas faltam-lhes a coragem, incentivos e mínimo acompanhamento para empenharem na procura de resoluções, pois querem o melhor para os seus filhos, a todos os níveis, e gostariam de se verem livres dos males sociais que padecem. Males como o desemprego, o alcoolismo, a prostituição, a violência doméstica e outros.

Na **1ª sessão** fez-se a apresentação dos membros que iam participar do programa, bem como a apresentação do programa e o estabelecimento das regras que iriam reger as sessões.¹⁸

Com o objetivo de promover o auto-conhecimento dos pais e de criar um clima de confiança entre os pais e a estagiária foi realizado uma dinâmica intitulada “*Caixa de surpresa*”.¹⁹ Através dessa dinâmica e do diálogo gerado foi avaliado as expectativas pessoais dos pais relativamente ao programa. Essas expectativas eram de esperança, mas a timidez, uma sensação de falta empenho e de ânimo e o medo de desafios pareciam pairar sobre esses pais já desesperados com os seus problemas.

No final da sessão havia uma sensação de motivação generalizada e todos comprometeram em participar ativamente nas outras sessões seguintes.

No início da **2ª sessão** foi realizado a dinâmica do desafio²⁰. Essa dinâmica serviu para nós percebermos o quanto se tem medo de desafios, pois observamos como os pais tiveram pressa de passar a caixa para o outro, mas o que se pretendia era que tivessem coragem e enfrentassem o desafio e ficar com a caixa mesmo sem saber o que iria acontecer. Os desafios da vida por mais difíceis que sejam, no final podem trazer felicidade com surpresas boas e vitórias. Neste caso, na caixa fechada tinha um bombom. Introduziu-se o tema “O papel da família na educação dos filhos”²¹ num ambiente de total descontração. Muitas questões foram colocadas e esclarecidas.

A **3ª sessão** teve como tema “Auto conhecimento”.²² Foi realizado a dinâmica “recordações da infância”.

A sessão teve como objetivo primordial consciencializar os pais sobre a forma como a educação que receberam – ligação a família de origem, valores, motivações – pode influenciar as práticas educativas parentais. A segunda parte da sessão consistiu em refletir o ato de educar como sendo um processo em construção permanente.

¹⁸ Ver o Anexo 1 – Para conhecer amplamente o programa da intervenção.

¹⁹ Ver o Anexo 2 – página 67, referente ao relatório da 1ª sessão.

²⁰ Ver o Anexo 2 – página 68, referente ao relatório da 2ª sessão.

²¹ Ver o Anexo 2 – a partir da página 68.

²² Ver o Anexo 2 – a partir da página 70, referente ao relatório da 3ª sessão.

O tema da **4ª sessão** foi “Estilo educativo Parental” que tinha como objetivo capacitar os pais no sentido de saberem lidar com os filhos.²³

Durante toda a sessão foi efetuada a dinâmica “cuidar do meu filho”.

A **5ª sessão** teve como tema “Do saber-se amado ao sentir-se amado. A expressão de sentimentos na comunicação interpessoal.”²⁴

Os objetivos da sessão foram discutir os benefícios da atitude assertiva – “*democrata*” – designadamente da expressão aberta e direta dos sentimentos, para o desenvolvimento emocional da criança; reconhecer a dimensão não-verbal da comunicação e sua importância na expressão emocional; refletir sobre a expressão de sentimentos nas relações humanas; refletir sobre a importância da família no desenvolvimento emocional da criança.

O tema tratado na **6ª sessão** foi: Expressão emocional na criança. A escuta ativa na relação pais/filhos.²⁵

Os objetivos da sessão foram reconhecer a dimensão não-verbal da comunicação e sua importância na expressão emocional; refletir sobre a importância da família no desenvolvimento emocional da criança; refletir sobre a forma como a criança vivência e exterioriza as suas emoções; expor diferentes formas de lidar com a criança, quando esta evidencia emoções negativas; reconhecer a importância da escuta ativa nas práticas educativas.

Conclusões sobre a intervenção

Verificou-se várias dificuldades na implementação das sessões na medida em que no início os pais apresentaram resistências de diversas ordens. Mas, depois de vários apelos, os pais consciencializaram da necessidade da intervenção, passando a participar ativamente nas sessões.

Avaliaram, no fim da intervenção, positivamente as sessões. Os pais consideraram que a intervenção serviu para tomarem consciência dos seus erros do passado e perspetivar

²³ Ver o Anexo 2 – página 74, referente ao relatório da 4ª sessão.

²⁴ Ver o Anexo 2 – página 76, referente ao relatório da 5ª sessão.

²⁵ Ver o Anexo 2 – página 79, referente ao relatório da 6ª sessão.

uma nova forma de relacionamento familiar, tendo em atenção uma melhor educação para os seus filhos e o melhoramento da própria organização das suas respetivas famílias.

As sessões decorreram num ambiente de participação ativa, permitindo uma capacitação ao nível teórico e quiçá facilitar uma melhor prática na convivência familiar.

Os objetivos preconizados foram atingidos, dentro das limitações e recomendou-se a continuidade da “Escola de Pais” como meio para combater males psicológicos, familiares e sociais.

Recomendações saídas da intervenção

Há necessidade de realizar intervenção psicopedagógicas às crianças; podendo, encorajar pela continuidade da intervenção – Escola de Pais – com os pais no Centro; sendo possível, melhorar a capacidade de intervenção dos funcionários do Centro, através de ações de formação; necessidade de formar as monitoras ao nível pedagógico para que possam orientar as crianças no estudo de melhor forma; angariar recursos no sentido de criar um núcleo de estudo investigativo das famílias multiproblemáticas formado por uma equipa multidisciplinar; necessidade de criação e implementação comunitária de uma rede eficaz de apoio as famílias multiproblemáticas.

5.2. Estudo de caso de uma adolescente, com insucesso escolar, oriunda de uma Família Multiproblemática

a) Introdução do caso

O estudo de caso se efetivou com uma adolescente internada no CEI, usando técnicas da metodologia qualitativa com apoio em observações, entrevistas e conversas informais.

Este estudo serve de suporte prático à tentativa de compreensão do fenómeno do insucesso escolar vivenciado no seio de famílias multiproblemáticas.

Composta por dois pontos nos quais se faz a apresentação dos dados e se analisa criticamente os mesmos.

Pretendemos ser sucintos, mas tentar, com a clareza possível, abranger os pontos focados na recolha dos dados que tornaram possível este estudo que julgamos seja modelo das crianças e adolescentes que frequentam o CEI.

b) Apresentação dos dados do estudo de caso

A seguir apresentam-se os resultados considerados significativos referentes ao sentido do insucesso escolar para famílias e os fatores relacionados com os esquemas familiares que incidem sobre esta problemática.

A mãe – Ana²⁶ – tem 33 anos, possui a quarta classe e é doméstica. Vive numa casa, na zona do Campim, com péssimas condições de habitabilidade, com o marido e os cinco filhos. Separou do pai – Raul²⁷ – da primeira filha – Rita²⁸ – devido a conflitos familiares e refugiou-se na bebida.

Mais tarde a Ana veio a conhecer o pai – Tito²⁹ – dos quatro outros filhos com quem vive atualmente. Este ajuda-a a todos os níveis – económico, afetivo... – mas diz que já não aguenta tanta discussão e que pretende deixa-la.

²⁶ Ana é um nome fictício.

²⁷ Raul é um nome fictício.

²⁸ Rita é um nome fictício.

²⁹ Tito é um nome fictício.

A necessidade de trabalhar, as preocupações diárias com as necessidades básicas, os conflitos familiares com o marido, os filhos e outros elementos da família, são fatores que condicionam o tempo e a atenção que poderia dispensar para os filhos. A disponibilidade para cumprir com as suas funções parentais, o controlo da conduta escolar dos filhos, a atenção às preocupações dos filhos e o tempo para expressão do afeto tem condicionado as interações que muitas vezes são distantes e superficiais com os filhos.

O clima familiar, caracterizado por constantes conflitos, é deficiente e revela-se perturbador e inadequado para o sucesso escolar, ou seja, propicia o insucesso. O uso de substâncias proativas é representado como estando no centro de toda a problemática familiar, desde as contingências económicas a conflitos económicos.

O ambiente familiar e as contingências familiares são os fatores que explicam o insucesso escolar dos filhos.

O pai da Rita é solteiro, possui a quarta classe e trabalha na construção civil, segundo ele é difícil encontrar trabalho porque as pessoas só dão emprego a quem conhecem bem, mas tem tido sorte, pois quase sempre trabalha.

No início, o pai e a mãe tiveram boas relações, mas as dificuldades económicas, sociais e familiares resultaram no fim da relação ainda durante a gravidez. Ainda porque a família da Ana não gostava do Raul, motivo pelo qual enviaram-na para a ilha do Sal, para junto da irmã com o objetivo de esquecer o Raul.

A mãe da nossa adolescente-alvo viajou para Ilha do Sal, como já se disse, motivo pelo qual o Raul desconhecia a filha e não lhe perfilhar apesar de ter vontade de o fazer.

O Raul e a Rita travaram conhecimento há um ano atrás e estabeleceram uma boa relação no dizer da filha. A Ana não partilha desta opinião na medida em que considera que existe um mal-entendido, porquanto notar uma estratégia do pai para se aproximar da filha, deixando-a agir desregradamente sem inculcar limites e responsabilidade.

A Rita viveu até há um ano atrás com a tia/madrinha, na Ilha do Sal, onde frequentou a escola, registando reprovações que apontam para o insucesso escolar.

Vivendo agora com a mãe, o padrasto, os irmãos e na proximidade com o pai, o problema do insucesso escolar persiste e parece não haver condições para sua resolução

imediate. Pensamos que com o internamento no Centro e com a intervenção poderá haver melhorias.

A Rita foi encaminhada para o CEI porque houve uma denúncia e a mãe concorda com o internamento/acompanhamento que a filha está sendo sujeita. Porquanto suspeitam que o pai da Rita pode estar a tentar enganar a filha e vir a abusar da mesma, pois o seu comportamento conduz a tirar essas ilações, por enquanto pouco fundadas, mas que merecem precauções na opinião dos responsáveis do Centro.

Não foi possível efetuar a entrevista formal como o Raul porque se apresentou sempre indisponível para tal, pois no seu entender estão a desconfiar dele com insinuações infundadas e caluniosas e por isso não pode estar disponível para colaborar em algo que tenha a ver com o CEI. Mas tivemos uma conversa informal com ele, durante uma das visitas que fizemos à zona de Campim no âmbito de recolha de informações para este estudo de caso.

c) Análise e discussão dos resultados

As análises das entrevistas, observações e intervenções permitiram identificar um conjunto de fatores ou aspetos que, associados, podem explicar o insucesso escolar da adolescente-alvo do nosso estudo. Eis o elenco desses fatores: Violência doméstica verbal e física; uso e abuso do álcool e de drogas; perturbação no ambiente familiar; comunicação deficiente entre os integrantes da família; pais com rendimentos instáveis; falta de espaço adequado ao estudo; falta de orientação nos estudos; irresponsabilidade dos pais – a culpa é sempre dos outros; falta de ligação entre família e escola; preconceitos.

Violência doméstica verbal e física

A violência é percebida de forma distinta entre os membros, assim como as suas consequências. A violência doméstica pode ser definida como um padrão de comportamento exibido por uma pessoa com o objetivo de obter e manter o controlo relativamente a outra pessoa com a qual mantém relações familiares ou similares.

A perceção dos entrevistados relativamente à violência centra-se essencialmente na violência física, mas nota-se que a violência verbal atrapalha igualmente o ambiente familiar com prejuízos claros para o sucesso escolar da Rita.

A entrevista com a nossa adolescente-alvo revela-nos, implícita e explicitamente, que a problemática em torno da violência é fulcral, pois, mesmo que a questão não pressupõe respostas nas quais vem a baila a violência, a Rita refere-a 13 vezes em 37 respostas. O que indica que constitui uma realidade quotidiana e que afeta toda a sua perceção da sua existência e, consequentemente, do seu processo de aprendizagem.

Para ilustrar esta situação, passamos a transcrever alguns fragmentos das respostas da Rita: - *“(sinto)Bem, mas às vezes triste porque parece que só eu é que não posso reprovar e minha mãe me dá pancada sem razão.” “Ela não fala com a boca... bate e grita por isso é difícil viver lá em casa.” “Às vezes são as brigas do meu padrasto com a minha mãe é que me deixam triste e com raiva, então não faço o TPC e quando vou a escola a professora ralha comigo.”* Ao longo de toda a entrevista³⁰ com a adolescente-alvo este assunto sobressai.

Se analisarmos também as respostas da mãe encontramos muitas referências à violência³¹, provando que é um fator marcante nesta família.

A Ana diz: *“Às vezes tudo bem, mas às vezes dá problemas quando metem na vida de uma pessoa e eu não sou uma barata morta, quem me procurar me encontra...” “Às vezes não dizer uma coisa é melhor porque pode trazer briga com o Tito.” “Os meninos de hoje não querem ouvir e se uma pessoa der uma repreensão e uma palmada já dizem que estamos com violência...”*

A entrevista com o padrasto da Rita comprova este ambiente violento³² vivido por esta família e passamos a exemplificar com uma resposta do Tito: *“Tenho pensado em deixa-la porque temos brigado muito agora.”*

Uso e abuso do álcool e de drogas³³

Uso e abuso do álcool e de drogas constituem fatores geradores de muitos dos problemas e é representado como um elemento da desestruturação da família. Este fator, segundo os membros da família, relaciona diretamente com os outros fatores

³⁰ Ver o Anexo 6 – Eis exemplos que provam a nossa constatação: respostas 6,7,8,9,11,12,13,14,17,27,31,32 e 36.

³¹ Ver o Anexo 7: Respostas 4,6,7,14,16,17,20,23 e 24.

³² Ver o Anexo 8: Respostas 6,10,12 e 15.

³³ Ver o Anexo 6: Respostas 8 e 12; o Anexo 7: Respostas 8,19,24 e 26; o Anexo 8: Respostas 10,12,13 e 19.

condicionantes da situação familiar multiproblemática geradora de insucesso escolar. A Rita, por exemplo, diz: “(o padrasto) *Ralha muito com a minha mãe porque ela coloca bebida na boca. Desconfio que ele também* (o padrasto) *bebe grogue, aliás é mesmo verdade... minha mãe é que disse que ele gasta dinheiro com amigos na loja, bebendo e também ele cheira-me mesmo a grogue*”.

Do ponto de vista da aluna inserida numa familiar que apresenta problemas com o uso de substâncias psicoativas acaba por se relacionar diretamente com o desempenho académico na medida em que se associa claramente com tudo o que diz respeito à realidade vivenciada por esta família.

O Tito diz: “*Se a Ana não tivesse problemas com bebidas seria melhor. Ela até já usou drogas, para a senhora ver os problemas que temos tido.*” E continua expressando um desejo e opinando sobre si mesmo “*A Ana deixar de usar dinheiro naquelas porcarias. Eu só tomo um grogue com os amigos e sem problemas.*”

O abuso de álcool e drogas interfere na própria subsistência da família. Podemos exemplificar com a Ana que diz: “*Ele podia ajudar mais, mas os amigos e o groguinho não deixam.*”

Perturbação no ambiente familiar³⁴

O ambiente familiar é marcado por constantes brigas e discussões e isto influencia nos estudos, perturbando o clima geral familiar. Por exemplo, a Rita afirma que “*os meus irmãos perturbam e não me deixam estudar. Às vezes são as brigas do meu padrasto com a minha mãe é que me deixam triste e com raiva, então não faço o TPC.*”

Na perspetiva da mãe, se acabassem com as perturbações tudo seria normal, pois as brigas, as discussões, os desentendimentos são consequências e causa dos males que afetam a família diretamente, senão vejamos o que ela diz: “*Acabar com as conversas de desentendimento que, às vezes, tenho com meu marido.*” “*(a família) poderia ser melhor se não fossem as perturbações.*”

Das conversas informais travadas, temos de anotar que o fato do pai da Rita viver num quarto nas vizinhanças com a habitação da família perturba muito o relacionamento

³⁴ Consultar – o Anexo 6: Respostas 8,12,17,20,25,27 e 36; o Anexo 7: Respostas 6,7,14,17,18,20,23,24 e 35; o Anexo 8: Respostas 6,12,15,19 e 26.

entre os seus elementos. Ainda, podemos afirmar que as intrigas dos vizinhos também contribuem para que o ambiente familiar seja perturbado.

Comunicação deficiente entre os integrantes da família³⁵

A comunicação é uma das dimensões fundamentais de qualquer sistema, sendo especialmente relevante para o sistema familiar. A funcionalidade da família depende, em larga escala, dos padrões de comunicação estabelecidos entre os seus membros. A comunicação é uma dimensão de extrema importância na vida familiar, pois, faculta aos membros a expressão das suas carências, desejos e preocupações.

As principais características da comunicação nas famílias multiproblemáticas, como a que estamos a analisar, são o caos comunicacional. Nas entrevistas são visíveis as deficiências de comunicação, por exemplo quando a Rita diz que *“Ela (a mãe) não fala com a boca... bate e grita...”* *“Quero é falar com a minha mãe mas ela não ouve, só briga... até com os lá da nossa rua.”* O Tito vive desconfiado, pois, *“às vezes sinto que ela me mente e faz coisas que não sei e temos problema porque ela rejeita me dizer.”*

O desfazamento entre a linguagem escolar e a linguagem familiar, utilizada pela mãe, parece atrapalhar a filha que vê na mãe uma fonte de ignorância e por isso podendo apontar para o insucesso escolar, pois, não é apoiada nos estudos em casa. Eis os exemplos desta constatação: *“Eu mando-lhes fazer, mas a maneira como lhes ensinam hoje é diferente, eu não sei se sou capaz de os ajudar bem... e se eu lhes atrapalhar?”* Declara a mãe com um ar de insegura. E a filha é peremptória: *“A minha mãe diz que ela aprendeu as coisas doutro jeito. Ela não sabe fazer contas de dividir como a professora me ensinou.”*

Pais com rendimentos instáveis³⁶

Os rendimentos instáveis dos pais refletem em relação à aluna nas dificuldades impostas pelas condições económicas frágeis, transmitindo a sensação de segurança e incidindo no rendimento escolar.

A forma como respondem as perguntas relacionadas com contribuição financeira para as despesas nos obriga a notar que existe uma grande instabilidade nos rendimentos.

³⁵ Consultar – o Anexo 6: Respostas 9,12,13,26,27 e 32; o Anexo 7: Respostas 17,20,21,31,33,34 e 36; o Anexo 8: Respostas 15,20 e 24.

³⁶ Consultar – o Anexo 7: Respostas 13,16,17,24,25,26 e 31; o Anexo 8: Respostas 18,19 e 23.

Vejamos o que diz o Tito: “ (o dinheiro chega) *Conforme. As vendas estão poucas.*” “ (a mulher contribui) *Como pode.*” “*Eu dou o dinheiro para as coisas assim quando e como consigo.*” As respostas da Ana comprovam o seu marido, pois, diz: “*vamos pagando renda como podermos. O meu marido tem uma venda na Praça Estrela e eu arranjo que fazer como eu poder.*” “*A renda... o Tito que desenrasca...*”

Falta de espaço adequado ao estudo³⁷

Um espaço adequado para o estudo influencia o desempenho escolar. O ambiente físico surge como uma condição necessária para a organização, a estabilidade e a concentração do estudante nos estudos, contribuindo decisivamente no aproveitamento. Não havendo um espaço apropriado a desorganização se instala, a concentração é inexistente e conseqüentemente não há condições para se dedicar ao estudo e o insucesso escolar predomina.

A adolescente-alvo reclama do espaço onde poderia estudar, se o barulho e outras distrações a deixassem, nos seguintes termos: “*Na mesa onde comemos é uma bagunça. Não tenho quarto... onde é que a senhora queria que eu estudasse?*”

A mãe identifica e reserva um lugar para estudar, mas é inadequado porque sujeito a interferências de várias ordens, nomeadamente o barulho. “*Estudam na mesa da sala onde comemos. A senhora sabe... eles fazem barulho e perturbam-se uns aos outros...*”

Da visita feita a habitação desta nossa família, constatamos que não só o espaço é impróprio para os estudos como também tem condições insuficientes para a habitabilidade: insalubre, pouca claridade, exíguo.

Falta de orientação nos estudos³⁸

Para haver sucesso escolar é necessário que haja uma orientação nos estudos e quando o estudante ainda é adolescente, os adultos, seus responsáveis, tornam-se indispensáveis na realização desta tarefa. O padrasto e a mãe da nossa adolescente-alvo não assumem esta responsabilidade, talvez porque há uma falta de competência técnica, relativamente aos conteúdos das aprendizagens, ou, pura e simplesmente, não orientam os filhos por incompetência generalizada. Pelas entrevistas fica claro que existe esta falta de

³⁷ Consultar – o Anexo 6: Respostas 25 e 28; o Anexo 7: Respostas 13 e 34; o Anexo 8: Respostas 9 e 25.

³⁸ Consultar – o Anexo 6: Respostas 24,26,29 e 31; o Anexo 7: Respostas 2, 29, 31,33,34 e 35; o Anexo 8: Respostas 2,22,24 e 26.

orientação e como ilustração podemos dar os seguintes exemplos: *“A minha mãe diz que ela aprendeu as coisas doutro jeito. Ela não sabe fazer contas de dividir como a professora me ensinou.”* A mãe se declara incompetente e, de certa forma culpabiliza o marido que não a ajuda: *“Eu mando-lhes fazer, mas a maneira como lhes ensinam hoje é diferente, eu não sei se sou capaz de os ajudar bem... e se eu lhes atrapalhar?”* *“Se fizessem como eu digo... também!.. (pausa) o Tito ajuda pouco.”*

Irresponsabilidade dos pais – a culpa é sempre dos outros³⁹

Quando os agentes não assumem as suas responsabilidades torna-se difícil contornar os problemas, pois se uma ação deveria ser realizada e não for a culpa é sempre de um outro e nestas condições as dificuldades não são encaradas de frente. Os encarregados – mãe e padrasto – pela educação da nossa adolescente-alvo se desresponsabilizam e atiram as culpas de um para o outro e para a escola e professores relativamente ao seguimento da vida escolar de todos os seus educandos, senão vejamos alguns estratos das entrevistas. *“Sei que não são grandes coisa, mas a escola e professores deviam dar mais apoio.”* *“A senhora sabe, nem sempre tenho tempo, mas já fui algumas vezes (para a escola). O Tito não tem tempo.”* *“A Ana é que sabe dos meninos.”* *“Ela (a mãe) tem que pô-la a estudar.”* *“Estas coisas são serviço de mulher, mas penso ir um dia desses, que tiver tempo, à escola para falar com os professores porque Ana lá foi e parece que os meninos andam a fazer abusos.”* *“Estudam pouco é porque a Ana não tem responsabilidade e também gostam mais é de brincadeira.”*

É forçoso concluir que a irresponsabilidade dos pais na assunção das suas funções e papéis afetam grandemente o sucesso escolar da Rita.

Falta de ligação entre família e escola⁴⁰

A família que não segue a vida escolar dos filhos, que não vai a escola para saber dos seus educandos sempre que é chamada ou mesmo de livre vontade, não pode estranhar que esses cheguem no fim do ano e reprovam. A ligação da família da Rita com a sua escola é muito deficiente e por isso pode ser considerado um dos fatores que explica o seu insucesso escolar. Eis alguns exemplos retirados das entrevistas: *“a senhora sabe,*

³⁹ Consultar – o Anexo 7: Respostas 7,15,16,19,26,28,29,32,33,35 e 37; o Anexo 8: Respostas 11,13,22,23,24 e 26.

⁴⁰ Consultar – o Anexo 6: Respostas 26,27,29 e 31; o Anexo 7: Respostas 30,31,32 e 33; o Anexo 8: Respostas 23 e 24.

nem sempre tenho tempo, mas já fui algumas vezes (à escola). O Tito não tem tempo.”
“Estas coisas são serviço de mulher, mas penso ir um dia desses, que tiver tempo, à escola para falar com os professores.”

Preconceitos⁴¹

A referência a preconceitos, relativamente a problemática da inteligência, parece servir de tubo de escape para justificar e quiçá para causar insucesso escolar. Dizer que “não tem cabeça para a escola”, “não presta para escola” ou “mostrar que é inteligente” apontam para esta realidade.

⁴¹Consultar – o Anexo 6: Respostas 24,25 e 29.

CONCLUSÃO GERAL

Eis que estamos prestes a chegar ao fim de uma maratona que deu muita inquietação, trabalho e satisfação durante o seu percurso, mas cavalo que corre por gosto...

Se aqueles que lerem este trabalho encontrarem alguma referência que considera como explicação para o tema em estudo, isto nos enche de humildade e nos encoraja para continuar o nosso percurso no que se refere à procura incessante do conhecimento.

A nossa preocupação na elaboração deste trabalho foi, acima de tudo, sermos claros na definição dos nossos propósitos e tentar uma descrição que refletisse os conhecimentos construídos a partir de investigações em livros e em observações e recolha de dados que mereceram a nossa dedicação ao longo do processo que culminou com esta redação.

Concluímos que a família é um todo estruturado que merece ser estudado numa visão sistémica e sistemática de modo a ser entendida de melhor forma possível.

Foi com esta visão que procuramos abordar a temática do insucesso escolar em crianças e adolescentes provenientes de famílias multiproblemáticas. De fato o insucesso escolar não pode, de acordo com o que se acabou de analisar e sintetizar, ser compreendido sem considerar todos os elementos constitutivos desse fenómeno e as relações que esses podem estabelecer. Por outras palavras, o insucesso escolar é fruto de um conjunto de fatores e de circunstâncias que combinam numa relação de causa e efeito e a família constitui o ambiente no qual podemos encontrar a explicação para a maior parte dos referidos fatores.

Os estudos que consultamos e a observação implementada para a realização deste trabalho permite-nos inferir, com pouca margem de erros, que as famílias multiproblemáticas geram insucesso escolar nos seus elementos ainda crianças e que essas famílias são destruturadas porque os adultos a elas pertencentes sofrem ou sofreram de vários tipos de insucessos e particularmente do insucesso escolar.

Na medida dos possíveis tentamos identificar fatores que provocam a destruturação de famílias e consequentemente tentamos através de uma prática encontrar meios para combater o insucesso escolar em crianças e adolescentes provenientes dessas famílias que sofrem desses problemas no seio da sociedade cabo-verdiana. Aliás, este foi o nosso objetivo fulcral.

Do exposto, inferimos que as disfunções familiares podem provocar o insucesso escolar e nesta medida a hipótese que orientou este trabalho de investigação desempenhou cabalmente a sua função de orientadora.

Resta-nos expressar o nosso contentamento por termos chegado ao fim e agradecer por esta oportunidade que nos foi proporcionada para aumentar os nossos conhecimentos. Tudo o que foi efetivado até este momento já nos satisfaz, mas este trabalho só terá alcançado os seus objetivos se for reconhecido como o coroar de um percurso académico, porquanto foi realizado como monografia de fim de licenciatura do curso de Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M.** (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Allen, D., & Fraser, B.** (2002). Parent and student perceptions of the classroom learning environment and its influence on student outcomes. In American Educational Research Association (Org.), *Annual Meeting of the American Educational Research Association*. New Orleans: Autor.
- Aponte, H.** (1976). The family-school interview: An eco-structural approach. *Family Process*, 15(3): 303-311.
- Ashby, W.** (1970). *Introdução à Cibernética*, 1ª ed, Coleção Estudos (Tradução do inglês An Introduction to Cybernetics, de Gita K. Guinsburgo.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Avanzini, G.** (s/d). *O Insucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Pórtico.
- Barata, O.** (1991). *Introdução às Ciências Sociais*. 4ª edição, Lisboa: Bertrand Editora.
- Barker, P.** (2000). *Fundamentos da terapia Familiar* (trad. F. Andersen). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barradas, A.** (2008). Parentalidade na Relação Com o Recém-nascido Prematuro. Vivências, Necessidades e Estratégias de Intervenção. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Baumrind, D.** (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37: 887-907.
- Benavente, A.** (1976). *A escola na sociedade de classes: o professor primário e o insucesso escolar*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Benavente, A.** (1989). “Que sociologia na formação de professores? *Sociologia – Problemas e Práticas*, 7.
- Benavente, A.** (1990) Insucesso Escolar no Contexto Português – Concepções e políticas. In *Cadernos de Pesquisa e Intervenção*, nº 1. Lisboa.
- Benavente, A.** (1992) A reforma educativa e a formação de professores - Educa. Lisboa.

- Bertalanffy, L.** (1975). *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Edições Vozes.
- Bozett F.** (s/d.). Familles et maladies comportant un risque vital. In M. Leahey e L.Wright. *Familles et maladies comportant un risque vital*, 1ª edição, 6-18. Medsi: Mc Graw-Hill.
- Brás, P.** (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Cancrini, L., Gregorio, F., Nocerino, S.** (1997). Las famílias multiproblemáticas. In M. Coletti e J. Linares (coords). *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona: Paidós.
- Carreira, A.** (1977). *Classes Sociais, Estruturas Familiares e Emigração em Cabo Verde*. Lisboa: Ulmeiro.
- Carreira, A.** (1983), *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, Sintra: Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- Colapinto, J.** (1995). Dilution of family process in social services: implications for treatment of neglectful families. *Family Process*, 34 (2): 59-74.
- Costa, F., Teixeira, M. e Gomes, W.** (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3): 46-52.
- Costa, M.** (2008). *Política de Escola e Representações Sobre Insucesso escolar, Um Estudo de Caso Comparativo*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Cowan, P., Cowan, C. e Schulz, M.** (1996). Thinking about Risk and Resilience in Families. In E. M. Hetherington & E. A. Bleachman (Orgs.). *Stress, coping and resiliency in children and families* (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dias, J.** (2000). *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Direcção Geral de Estatística** (1989): *Inquérito às Famílias – 1988/1989*. Praia: Direcção Geral de Estatística.

- Espstein et al.** (1993). The McMaster Model View of healthy family functioning. In Walsh (ed), *Normal family process*. (pp.138-160). New Iorque: Guilford Press.
- Fernandes A.** (1991). Insucesso Escolar. In A construção Social da Educação Escolar, Col. *Biblioteca Básica da Educação e Ensino*. (pp. 187-232). Rio Tinto: Ed. ASA/Club do Professor.
- Fontes, P. e Archer, P.** (1985). The Long Term Effects of Different Ages of Reginning Reading: Na Exploratore Comparison of Data from Ireland, Portugal and the United States. In J. Cruz, L. Almeida & O. Gonçalves, *Intervenção Psicológica na Educação*. Porto: Associação Portuguesa de Licenciados em Psicologia.
- Formosinho, J.** (1978). *A Educação de Adultos Como Factor de Correção das Desigualdades de Oportunidades Educacionais*. Braga: Universidade do Minho.
- Freire, P.** (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fulmer, R.** (1989). Lower-income and Professional Families: a Comparison of structure and Life Cycle Process. In B. Carter & M. McGoldrinck (eds.), *The Changing Family Life Cycle: a Framework for Family Therapy* (545-578). Boston: Allyn and Bacon.
- Gilly, N.** (1971). *Bon Élève, Mauvais Élève*. Paris: Editions Armand Colin.
- Goddard, R., Tschannen, M., e Hoy, W.** (2001). A multilevel examination of the distribution and effects of teacher trust in students and parents in urban elementary schools. *Elementary School Journal*, 102 (1): 3-17.
- Goleman, D.** (1997). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Grassi, M.** (2003) *Rabidantes, comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Lisboa: ICS, Praia: Spleen.
- Heymann, S. & Alison, E.** (2000). Low-income parents: how do working conditions affect their opportunity to help school-age children at risk?. *American Educational Research Journal*, 37 (4): 833-848.
- Henry, M.** (1996). *Parent – School Colaboration – Feminist Organizational Structure and School Leadership* . Albany: State University of New York Press.

- Hines, P.** (1989). The family life cycle of poor black families. In B. Carter & M. McGoldrick (eds.). *The changing family life cycle: a framework for family therapy*. Boston: Allyn and Bacon.
- Hoffman, M.** (1994). Discipline and Internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- ICIEG – Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género.** (2005). *Plano nacional Para a Igualdade e Equidade de Género 2005-2009*. Praia: ICIEG.
- ICM – Instituto Cabo-verdiano de Menores.** (2005). *Estudo sobre a aplicação da legislação de Menores em Cabo Verde*. Praia: ICM.
- Imber-Black, E.** (1988). *Family and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: Guilford Press.
- INE – Instituto Nacional de Estatística e IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional.** (2006). *Inquérito ao Emprego*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística e IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional.** (2008). *Inquérito ao Emprego*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística e Ministério da Saúde.** (2008), *Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (IDSR-II), 2005*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (1980). *Censos*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (1990). *Censos*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2000). *Características económicas da população, condições de vida dos agregados, RGPH (Recenseamento Geral da População e Habitação) 2000*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2000). *Censos*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.

- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2000). *Condições de vida dos agregados familiares, RGPH (Recenseamento Geral da População e Habitação) 2000*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2000). *Educação, RGPH (Recenseamento Geral da População e Habitação) 2000*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2000). *Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (IDSR/1998)*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2007). *Questionário dos Indicadores Básicos do Bem-estar - QUIBB, 2006 e 2007*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE – Instituto Nacional de Estatística.** (2009). *Inquérito ao Emprego*. Praia: Instituto Nacional de Estatística.
- INE.** (2008). *Estatísticas Demográficas, 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Lévi-Strauss, C.** (1980). *A Família: Origem e evolução*. Porto Alegre: Villa Martha.
- Linares, J.** (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. In M. Coletti & J. L. Linares (coords.). *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia Multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella* (pp. 23-44). Barcelona: Paidós.
- Lobo, A.** (2006). *Tão Longe e Tão Perto. Organização família e emigração feminina na Ilha de Boa Vista – Cabo Verde*. Tese de Doutoramento. Brasília: Universidade de Brasília.
- Lopes Filho, J.** (1995). Evolução do papel da Mulher na Sociedade Cabo-verdiana. *Ilha n.º 17*: 55-63
- Lopes Filho, J.** (2003). *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação – República de Cabo Verde.
- Maccoby, E. e Martin, J.** (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. Mussen., & E. Hetherington (Eds.). *Handbook of child psychology. Socialization, personality and social development Vol. 4*, 1-101. New York: Wiley.
- Madsen, W.** (1999). *Collaborative therapy with multi-stressed families: from old problems to new futures*. New York: The Guilford Press.

- Manley, K.** (1989). As carências e o apoio dos familiares. *Nursing - Revista técnica de Enfermagem, Julho*, (p. 13 -17). Lisboa.
- Marchesi, A. & Pérez, E.** (2004). “A Compreensão Do Fracasso Escolar”. In A. Marchesi et al. *Fracasso Escolar – Uma Perspectiva Multicultural*, 17-33: Porto Alegre.
- Martins, A. & Cabrita, I.** (1993). *A Problemática Do Insucesso Escolar*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Matos, A., Sousa, L.** (2004). How Multiproblem Families Try to Find Support in Social Services. *Journal of Social Work Practice*, 18 (1): 65-80.
- Meintel, D.** (1984). Emigração em Cabo Verde: solução ou problema?. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, nº 2: 93-119.
- Mendonça, A.** (2006). *A Problemática do Insucesso Escolar. A Escolaridade Obrigatória no arquipélago de Madeira em Finais do Século XX (1994-2000)*. Tese de Doutoramento. Funchal: Universidade de Madeira.
- Mineiro, L.** (2000). *Representações de alunos com retenções no percurso escolar face ao insucesso*. Tese de Mestrado. Covilhã: Universidade da beira Interior.
- Minuchin, P., Colapinto, J. e Minuchin, S.** (1998). *Working with Families of the Poor*. New York: The Guilford Press.
- Minuchin, S. et al.** (1967). *Families of the slums: an exploration of their structure and treatment*. New York: Basic Books.
- Minuchin, S.** (1990). *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S.** (1995). *A cura da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, C.** (1997). *Comunidade Imigrada. Visão Sociológica. Caso de Itália*. Praia: Edições do Autor.
- Monteiro, R.** (2009). *Insucesso e Abandono Escolar*. Tese de Mestrado. UPIH.
- Morin, E.** (1994). *Introducción al Pensamiento Complejo*. Barcelona: Gedisa.

- Nascimento, A.** (2007). *A Sala de Aula Fragmentada: A (des)responsabilização dos agentes educativos no fenómeno do Insucesso Escolar*. Relatório de tese de Licenciatura. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Oliveira, A.** Et al, (2002). Estilos parentais autoritários e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15 (1): 1-11.
- Palacios, J.** (2004). Relações Família-Escola: Diferenças de Status e Fracasso Escolar. In Á. Marchesi; C. Gil et al., *Fracasso Escolar-Uma Perspectiva Multicultural*, (pp.76-81). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Paro, V.** (2001). *Escritos sobre Educação*. São Paulo: Xamã.
- Parsons, T.** (1981). *The School as a Social System*. New York: Ed. Fru Press.
- PEPT2000.** (1995). *O Insucesso Escolar – Um Desafio para a Construção Europeia*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pinto, M.** (1991). A promoção da família como expressão da sua defesa e do seu desenvolvimento. *Servir. Setembro/Outubro*, 235 – 242. Lisboa.
- Pires, E.** (1988). “A massificação escolar”. *Revista Portuguesa da Educação* nº 1. Lisboa.
- Portes, É.** (2000). O Trabalho Escolar das Famílias Populares. In M. Nogueira et al., (org.) *Família & Escola - Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, (pp. 61-80). Petrópolis: Editora Vozes.
- Pringle, K.** (1998). “Children and Social Welfare in Europe”. Buckingham: Open University Press.
- Ramos, N.** (1993). *Maternage en milieu portugais autochtone et immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique*. Tese de Doutoramento em Psicologia. 2 vol. Paris V: Universidade René Descartes, Sorbonne.
- Ramos, N.** (2003). *Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança. Uma perspectiva intercultural e preventiva*. *Psicologia, sociedade e bem-estar*. Leiria: Editora Diferença.

- Ramos, N.** (2004). A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil: Uma abordagem intercultural comparativa. In A. Cova, N. Ramos, e T. Joaquim. *Desafios da comparação: Família, Mulheres e Género em Portugal e no Brasil*. Oeiras: CELTA Editora.
- Rau, M. et al.** (1985). Os Jovens Saídos da Escolaridade Obrigatória – Situação e Perspectivas em Portugal. O Caso de Crianças e Adolescentes nos Meios Urbanos Desfavorecidos. In J. Antunes, *Os Abandonos Escolares no Ensino Básico*. UNESCO/APCEP.
- Regato, V.** (2008). *Psicologia Nas Organizações. Programa do Livro universitário*. Rio de Janeiro: LTC.
- Relvas, A.** (1982). A Família, Introdução ao seu Estudo numa Perspectiva Sistémica. *Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XVI*: 307-321.
- Relvas, A.** (2000). *Por Detrás Do Espelho. Da teoria à terapia com a família*. ed. 2. Coimbra: Quarteto Editora.
- Roazzi, A. e Almeida, L.** (1988). Insucesso escolar: insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar?. *Revista Portuguesa de Educação, 1 (2)*: 53-60.
- Rosenthal, R. & Jacobson, L.** (1971). *Pygmalion à L'École. Succès ou Échec Scolaire? Un Facteur Important: Le Prèjugé du Maître*. Paris: Ed. Casterman.
- Rovira, J.** (2004). Educação em Valores e Fracasso Escolar. In Á. Marchesi e C. Gil et al., *Fracasso Escolar-Uma Perspectiva Multicultural*, (pp. 82-90). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Rutter, M.** (1987). Psychosocial Resilience and Proctetive Mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry, 57*: 316-331.
- Sampaio, D., Gameiro, J.** (2002). *Terapia Familiar*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- San cristán, G.** (1996). Escolarização e cultura: a dupla determinação. In: L. Silva (Org.), *Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. *Sulina*, 37-57. Porto Alegre.

- Sancristán, G.** (1998). *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed.
- Sancrintán, G.** (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: ArtMed.
- Santos, A.** (2011). *As contribuições do Serviço Social para a realidade escolar do Brasil*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-contribuicoes-servicosocial-para-realidade-escolar-.htm>> Acesso em 15/04/2011.
- Sharlin, S. & Shamai, M.** (2000). *Therapeutic intervention with poor, underorganized families: from distress to hope*. New York: The Haworth Clinical Practice Press.
- Sousa, L.** (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Stanhope, M.** (1999). Teorias e Desenvolvimento Familiar. In M. Stanhope & J. Lancaster, *Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos* (492-514). Ed 1. Lisboa: Lusociência.
- Summers, J. et al.** (1997). Critical Thinking: A Method to Guide Staff in Serving Families with Multiple Challenges. *Topics in Early Childhood Special Education*, 17 (1): 27-52.
- Teixeira, M.** (1995). *O professor e a escola*. Lisboa: McGraw-Hill.
- UNICEF – Nações Unidas Cabo Verde.** (2011). *Análise de Situação da Criança e Adolescente em Cabo Verde 2011*. Praia: OPAL – Publicidade de Cabo Verde Lda.
- Vara, L.** (1996). Relação de ajuda à família da criança hospitalizada com doença de mau prognóstico num serviço de Pediatria. *Revista Portuguesa de enfermagem*. Jul./Ago./Set, 5 – 52. Agualva-Cacém.
- Velásques, A.** (1997). *Trabajo Social y Procesos Familiares*. Argentina: Colección Política, Servicios y Trabajo Social.
- Weber, L. et al.** (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3): 323-331.
- Weizman, J.** (1985). Engaging the severely dysfunctional family in treatment: basic considerations. *Family Process*, 24: 473-485.

Whaley, L. e Wong, D. (1989). *Enfermagem Pediátrica*. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara.

Wyness, M. (1997). Parental responsibilities social policy and the maintenance of boundaries. *Sociological Review*, 45.

Anexos

ANEXO 1

ESCOLA DE PAIS – PROGRAMA DE INTERVENÇÃO

SESSÕES DE INTERVENÇÃO

1ª SESSÃO

Tema: Apresentação e estabelecimento de regras.

Objetivos: Promover o auto-conhecimento dos pais; criar um clima de confiança entre os pais e a orientadora através da realização da dinâmica “*Caixa de surpresa*”; apresentar o programa; avaliar as expectativas pessoais dos pais relativamente ao programa.

Procedimento: Auto-apresentação dos pais e da orientadora; realização da dinâmica “*Caixa de surpresa*”; apresentação do programa pela orientadora; debate (reflexões e esclarecimentos) do programa.

Alvo: Pais

Duração: 60 Minutos.

Meios/Materiais: Uma caixa com um espelho.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

2ª SESSÃO

Tema: “O papel da família na educação dos filhos”.

Objetivos: Refletir sobre o papel da família na educação dos filhos.

Procedimento: Realização da “*dinâmica do desafio*”; exposição do tema e debate acompanhado de esclarecimentos.

Alvo: Pais

Duração: 60 Minutos.

Meios/Materiais: Uma Caixa embrulhada para presente contendo um bombom no interior.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição, debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

3ª SESSÃO

Tema: “Auto conhecimento”

Objetivos: Proporcionar o conhecimento recíproco da infância de cada integrante e reflectir o acto de educar como sendo um processo em construção permanente.

Procedimento: Realização da dinâmica “*recordações da infância*” e exposição do tema e debate acompanhado de esclarecimentos.

Alvo: Pais

Duração: 60 Minutos.

Meios/Material: Perguntas preparados pela estagiária em número superior ao número de integrantes.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição, debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

Observação: Deve-se evitar perguntas que levem a recordações tristes.

4ª SESSÃO

Tema: “Estilo educativo Parental”

Objetivo: Capacitar pais no sentido de saberem lidar com os filhos.

Procedimento: Realização da dinâmica “cuidar do meu filho” e exposição do tema e debate acompanhado de esclarecimentos.

Alvo: Pais.

Duração: 60 Minutos.

Meios/Material: Balões.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição, debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

5ª SESSÃO

Tema: “Do saber-se amado ao sentir-se amado. A expressão de sentimentos na comunicação interpessoal.”

Objetivos: Discussão sobre os benefícios da atitude assertiva (“*democrata*”), designadamente da expressão aberta e direta dos sentimentos; reconhecimento da dimensão não-verbal da comunicação e sua importância na expressão emocional, reflexão sobre a expressão de sentimentos nas relações humanas; reflexão sobre a importância da família no desenvolvimento emocional da criança.

Procedimento: Exposição do tema dividido em 3 partes seguido de debate acompanhado de esclarecimentos.

Alvo: Pais.

Duração: 90 Minutos.

Meios/Material: acetatos; retroprojektor.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição, debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

6ª SESSÃO

Tema: “Expressão emocional na criança. A escuta ativa na relação pais/filhos.”

Objetivos: Reflexão sobre a forma como a criança vivência e exterioriza as suas emoções; exploração de diferentes formas de lidar com a criança, quando esta evidencia emoções negativas; reconhecimento da importância da escuta ativa nas práticas educativas.

Procedimento: Exposição do tema dividido em 4 partes seguido de debate acompanhado de esclarecimentos.

Alvo: Pais.

Duração: 90 Minutos.

Meios/Material: Cartões com nomes de emoções; desenhos em papel A4.

Técnicas: Diálogo, observação/visualização, exposição, debate, registo.

Avaliação: Desempenho, motivação e a participação.

ANEXO 2

ESCOLA DE PAIS

RELATÓRIO DAS SESSÕES DE INTERVENÇÃO COM OS PAIS

RELATÓRIO DA 1ª SESSÃO

A primeira sessão iniciou as dez horas e dez minutos do dia dezasseis de Novembro de 2009, no Centro de Emergência Infantil, com a presença de dez pais e a estagiária.

O objetivo da sessão foi apresentar e estabelecer regras básicas para as sessões seguintes e criar um clima de confiança entre os pais e a estagiária.

Procedeu a realização da dinâmica “caixa de surpresas”. *A estagiária entregou a caixa a um pai contendo um espelho e dando a seguinte explicação:*

- Descreve a foto da pessoa famosa que esta dentro da caixa.

Tal foi o espanto dos pais quando na realidade viram eles mesmos.

Procedeu a descrição de cada pai:

- 1. É uma pessoa. Ai... Eu não quero falar.*
- 2. Ela gosta de ajudar as pessoas no que for preciso e é um pouco teimosa.*
- 3. Ela é companheira, bonita e amiga das pessoas.*
- 4. Ela é (riu muito, respirou) é um pouco chata, gosta das coisas da sua maneira.*
- 5. Ela é trabalhadeira, rígida com os filhos.*
- 6. Ela ajuda os filhos no que for preciso. Era muito bonita.*
- 7. Pensei que era difícil mas não é. Ela é tímida, tem medo de enfrentar os problemas. Pensa que tudo vai dar errado.*

Os outros pais não falaram porque disseram que não estavam com vontade e que falariam nas outras sessões.

Os pais avaliaram a sessão como muito proveitosa, pois aprenderam muito. As sessões seguintes ficaram para serem feitas de 15 em 15 dias no mesmo local e a mesma hora e que todos os pais fariam o possível de estarem presentes em todas as sessões seguintes.

RELATÓRIO DA 2ª SESSÃO

A sessão começou as dez horas do dia 9 de Dezembro de 2009, com nove pais.

A estagiária informou aos pais que iam fazer uma dinâmica de descontração, **(Dinâmica do desafio)**.

Entregou uma caixa de bombom enrolada para presente.

Colocou uma música animada para tocar e disse que ia passando no círculo uma caixa (no tamanho de uma caixa de sapato, explicou para os participantes que seria apenas uma brincadeira e que dentro da caixa continha uma ordem que seria feita por quem ficasse com ela quando a música parar. A pessoa que dava o comando ficou de costas para não ver quem estava a caixa ao parar a música. A estagiária fez um pequeno suspense, com perguntas do tipo: está preparado? Seja lá qual for a ordem você vai ter que obedecer, quer abrir? ou vamos continuar?

Vamos continuar. Iniciou a música novamente e passou novamente a caixa. Parou. Queres abrir? Não.

Fez-se isso por algumas vezes e pela última vez avisou que quem pegasse por último teria que abrir. Quando parou a música a pessoa abriu e teve a feliz surpresa de encontrar um chocolate com a ordem “coma o chocolate”.

Essa dinâmica, explicou a estagiária, serviu para nós percebermos o quanto temos medo de desafios, pois observamos como as pessoas tiveram pressa de passar a caixa para o outro, mas que devemos ter coragem e enfrentar os desafios da vida, pois por mais difícil que seja o desafio, no final podemos ter uma feliz surpresa/vitória.

II

A estagiária recapitulou a sessão anterior e introduziu o tema (O papel da família na educação dos filhos)

..."A família é a referência fundamental para a criança. (...) Os pais têm um papel fundamental nos primeiros anos de vida dos filhos. O aprendizado e o desenvolvimento começam bem antes da educação formal. (...) A tarefa de orientar e cuidar da educação dos filhos não pode ficar exclusivamente a cargo de professores a partir da fase pré-escolar. A ideia de princípios, valores, respeito e ética deve vir de casa e começa a ser formada ainda na fase de bebé.

A educação formal é um complemento que deve fazer parte da formação do indivíduo. O papel da família também inclui a atenção especial com a educação formal das crianças. Se interessar pelo desempenho do filho na escola bem como com a forma com que se relaciona com as pessoas de seu convívio é uma tarefa importante a ser desempenhada pelos pais; isso ajuda a ter uma percepção mais ampla sobre a formação da criança como pessoa.

Depois colocou as seguintes questões de reflexão e debate entre os pais:

O que é a família, e qual a sua importância no desenvolvimento da criança?

Qual é a função de uma família?

Para que a criança cresça num ambiente saudável é importante a família estar sempre presente? Porquê?

Todos os pais participaram no debate.

III – Esclarecimentos

Como é do conhecimento geral, a família é a primeira esfera de socialização da criança, responsável pela formação individual e social de cada um. Na família como **sistema**, no qual as partes interagem com o todo e o todo nas partes, a criança aprende a conviver em sociedade com outros grupos, necessitando para o efeito de ter uma ambiente familiar estável e de modelos parentais firmes e consistentes. Um ambiente saudável favorece o bom desenvolvimento dos filhos e proporciona-lhes apoio, quando necessário, além de que promove a sua independência para que seja permitido à criança ou jovem opinar e optar. A criança fica dotada de referências seguras e consistentes, aprende a ter consciência das suas possibilidades, de desenvolver segurança interna, promovendo a sua auto-estima e assim a capacidade de permutar com os demais atores sociais. A educação alicerçada numa autoridade baseada no respeito mútuo, leva à construção de uma moral autónoma que consiste em compreender o porquê das leis que a sociedade impõe e que devemos respeitar, ou contribuir para modificar, participando com base no respeito mútuo, no espírito de cooperação, de responsabilidade social, criando-se assim uma identidade individual e social devidamente alicerçada. O sentimento de pertença à comunidade em que estamos inseridos cresce e com ele nasce o exercício da cidadania. Educar é não só, um ato de amor, mas uma responsabilidade individual e social.

A família tem como função primordial a de proteção, tendo sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas. É a família ajuda a manter a saúde física e mental do indivíduo.

Relativamente à criança, a necessidade mais básica da mesma, remete-se para a figura materna, que a alimenta, protege e ensina, assim como cria um apego individual seguro, contribuindo para um bom desenvolvimento da família e consequentemente para um bom desenvolvimento da criança. A família é então, para a criança, um grupo significativo de pessoas, de apoio, como os pais, os irmãos, entre outros. Assim, a criança assume um lugar relevante na unidade familiar, onde se sente segura. A nível do processo de socialização a família assume, igualmente, um papel muito importante, já que é ela que modela e programa o comportamento e o sentido de identidade da criança. Ao crescerem juntas, família e criança, promovem a acomodação da família às necessidades da criança, delimitando áreas de autonomia, que a criança experiencia como separação.

A família tem também, um papel essencial para com a criança, que é o da afetividade, a sua importância é primordial pois considera o alimento afetivo tão imprescindível, como os nutrientes orgânicos. “Sem o afeto de um adulto, o ser humano enquanto criança não desenvolve a sua capacidade de confiar e de se relacionar com o outro”

Deste modo, “ (...) a família constitui o primeiro, o mais fundante e o mais importante grupo social de toda a pessoa, bem como o seu quadro de referência, estabelecido através das relações e identificações que a criança criou durante o desenvolvimento”, tornando-a na matriz da identidade e do desenvolvimento da personalidade da criança.

No final os pais avaliaram a secção dizendo que foi muito proveitosa pois aprenderam muito sobre os seus papéis.

RELATORIO DA 3ª SESSÃO

A terceira sessão foi realizada as dez horas do dia 15-01-2010, no Centro de Emergência Infantil, com a presença de treze pais e teve como tema “**Auto conhecimento**”

I PARTE

A sessão teve como objetivo primordial consciencializar os pais sobre a forma como a educação que receberam (ligação a família de origem, valores, motivações) pode influenciar as práticas educativas parentais. A segunda parte consistiu em refletir o acto de educar como sendo um processo em construção permanente.

A sessão iniciou com a recapitulação da sessão anterior seguida da dinâmica: **RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA.**

O objetivo da dinâmica foi proporcionar o conhecimento recíproco da infância de cada integrante.

Usou perguntas preparadas pela estagiária em número superior ao número de integrantes. Cada integrante recebeu aleatoriamente uma pergunta e a leu em voz alta para os outros, respondendo-a em seguida. As perguntas.

As propostas de perguntas foram:

- Como era o seu melhor amigo(a)?
- Como seus pais gostariam que fosse?
- O que você imaginava ser quando crescesse?
- Quais os seus sonhos de infância?
- Qual a melhor lembrança do seu pai?
- Qual a melhor lembrança da sua infância?
- Qual a melhor lembrança da sua mãe?
- Qual a sua primeira grande alegria?
- Quais as palavras que te repetia de como devias comportar?
- De que forma os teus pais te castigavam quando fazias algo errado?
- Quais as maiores recordações que guardas da tua professora primária?

Essa dinâmica serviu para explorarmos a vivência passada dos pais e fazer uma ponte entre aquilo que recebemos da sociedade e do meio em que estivemos inseridos e a educação que transmitimos hoje aos nossos filhos. O objetivo foi de

consciencializarmos que a maior parte das vezes, de forma inconsciente, inculcamos aos filhos aquilo que nos ensinaram e que nem sempre é eficaz ou benéfica aos filhos.

A estagiária Introduziu o tema “a família” da seguinte forma:

A família é a primeira escola onde se aprende a ser pessoa em relação (acatar ordens, negociar, pensar nos outros, renunciar a certos gostos, ser generosos, partilhar, dedicar-se, dar e receber carinho).

Se os pais têm sentimentos patrióticos, o respeito pela honradez, o desprezo pelo luxo ou pela vida irregular, o filho assimilará estes sentimentos sem que os pais cheguem a fazer qualquer esforço consciente para lhos inculcar. Se os pais têm preconceitos sociais ou consideram a virtude como qualidade da sua classe ou sempre falam com desdém ou inveja das outras classes, a criança herdará estes sentimentos também de modo espontâneo e inconsciente.

É certo que, muito em breve, outras influências se sobrepõem à dos pais e por vezes a contrariam, sobretudo nos nossos dias em que um tão grande número de crianças vai às aulas desde a idade dos três anos; porém, a ação dos pais continua a ser predominante, pelo menos nas boas famílias, sempre que os pais cumprem a sua missão, e no momento em que a criança começa a emancipar-se do ambiente familiar, já está impregnada de um espírito que encontrará em si até à velhice.

Esta influência dos pais é irresistível, precisamente na medida em que se encontram unidos e em que a ação do pai e a da mãe mutuamente se reforçam: é irresistível porque todo o complexo familiar leva a criança a depositar confiança nos pais.

É certo que, de alguma maneira, parece às vezes depositar a mesma confiança num estranho que igualmente se ocupa dela, uma ama por exemplo. E acontece que, quando os filhos têm maus pais ou não os têm, os pais adoptivos têm sobre eles uma influência aparentemente semelhante. Mas nada poderá, no entanto, substituir os verdadeiros pais, quando estes são ao mesmo tempo bons pais porque, a par do contato quotidiano e da ação exclusiva sobre o filho nos primeiros anos da vida, a sua influência torna-se maior pelo fato de eles serem os seus pais, com todas as afinidades secretas, tanto físicas como espirituais, que provêm de que os filhos sejam alguma coisa de si mesmos.

No processo educativo, o autoconhecimento é importante, uma vez que as motivações inconscientes são complexas e estão por trás dos nossos atos. A coerência entre o que se fala e o que se faz é fundamental.

II PARTE

REFLEXÃO DA EDUCAÇÃO COMO PROCESSO

A sociedade moderna vive uma crise de valores éticos e morais sem precedentes. Essa é uma constatação que nada tem de original, pois todos a estão percebendo e vivenciando de alguma maneira.

Sendo a educação um processo permanente que visa a educação em sua totalidade e observa o ser humano em todas as suas dimensões, circunstâncias e situações, ela apresenta-se como um fenómeno ininterrupto de desenvolvimento e harmonização do homem, envolvendo todas as influências e modalidades capazes de dar forma e de desenvolver-lo segundo o processo que melhor convém à sua individualização. A educação permanente é uma necessidade vital para todos, pois tem como objetivo reafirmar a primazia da pessoa humana, humanizar a tecnologia, desalienar o homem pluridimensional e autónomo. A educação, como processo contínuo na vida humana, é um sistema e método eficaz para ensinar o ser humano a pensar em termos de humanidade, e sobretudo, descobrir-se como "homem", pois ela facilita a realização completa da pessoa, incita cada indivíduo a assumir os seus deveres e a executar exaustivamente as tarefas de cidadão, membro de uma família dotado de aspirações pessoais e sensibilidade artística, libertando-se e enquadrando-se nos dinamismos de uma ética social e profissional. Neste contexto temos de observar que a educação como ato permanente, deve residir na projeção do "saber-ser", e não radicalmente do "saber-fazer", o que implica numa evolução contínua de si próprio e numa mudança pessoal, quando necessário. A educação humana não é algo que fica limitado a etapas ou períodos. Ela estende-se pela vida toda. É uma dinâmica de aperfeiçoamento do homem como tal e total. É dentro desta dinâmica que podem existir períodos mais ou menos intensos, com etapas mais acentuadas ou não. É importante frisar que nenhum momento da vida humana está totalmente isento de educação. A educação do ser humano vai se desenvolvendo continuamente e de maneiras diversas.

RELATÓRIO DA 4ª SESSÃO

A quarta sessão foi realizada no Centro de Emergência Infantil, as dez horas e quinze minutos do dia 15/01/2010. Esteve presente 15 pais.

Primeiro fez-se um relato das sessões anterior, seguido da apresentação do tema **ESTILO EDUCATIVO**.

O Objetivo da sessão foi: Capacitar pais no sentido de saberem lidar com os filhos.

A estagiária fez a introdução ao tema explicando:

O que é Estilo Parental – É o conjunto de atitudes dos pais que cria um clima psicológico/emocional em que se expressam os comportamentos dos pais; mães e pais podem se comportar de maneira diferente; os estilos parentais incluem as práticas parentais (elogios, gritos, punições etc.) e outros aspetos da interação pais/filhos, tais como: tom de voz, linguagem corporal, descuido, atenção, mudanças de humor etc. Atualmente os estudos psicológicos mostram que a família é essencial na vida de todos, mas ela pode determinar aspetos de PROTEÇÃO (envolvimento, afeto, regras claras, responsividade etc.) quanto de RISCO (punição física, negligência, regras inconsistentes ou ausência de regras etc.). Cada estilo de pai/mãe contribui para determinar o desenvolvimento e socialização de crianças e adolescentes que formarão um repertório comportamental que levam para o resto da vida. O estudo dos estilos parentais divide as relações entre pais e filhos (de qualquer idade) em 4 tipos básicos: participativo (centrado na relação e socialização do filho); negligente (pais ausentes); autoritário (centrado nos pais); permissivo (centrado no filho).

As pesquisas internacionais e longitudinais revelam que as influências começam muito cedo e continuam na adolescência e que o estilo parental não muda no decorrer dos anos. Para medir os estilos parentais foram utilizadas as Escalas de Exigência e Responsividade e para medir práticas educativas foram utilizadas as Escalas de Qualidade na Interação Familiar.

A estagiária fez a descrição de estilos parentais:

1. PAIS PARTICIPATIVOS – também chamados de autoritativos ou participativo-democráticos (tanto exigentes quanto responsivos. São pais centrados tanto na relação quanto na socialização e desenvolvimento do filho. Apresentam muitas regras e limites e também muito afecto e envolvimento, “dão bastante, mas também pedem muito”: são

aqueles que educam dando muito apoio, atenção emocional, estrutura positiva e direcção para os filhos. **Consequências para os filhos:** estas crianças definem-se e são classificadas como mais competentes em todos os níveis, ou seja, boa auto-estima, habilidades sociais, estilo de atribuição otimista, bom desempenho académico e desenvolvimento de resiliência.

2. PAIS NEGLIGENTES (pouco responsivos e pouco exigente; apresentam pouco afeto e envolvimento e poucas regras e limites). São considerados pais ausentes. Ainda, esperam, às vezes, que o filho responda a suas necessidades e formam famílias instáveis (separações e conciliações frequentes); são pais pouco presentes na vida dos filhos, sem tolerâncias e aborrecem-se facilmente, seja com o choro natural de um bebé, seja com os pedidos de uma criança ou adolescentes, então deixam a criança fazer o que bem quiser; quando os filhos chegam ao limite ou quando sentem culpa de sua ausência podem controlar exageradamente ou punir. **Consequências para os filhos:** são as que apresentam pior performance em todas as áreas; podem ter um desenvolvimento atrasado, problemas afetivos e comportamentais; este estilo parental correlaciona-se com uso de drogas e álcool, com doenças sexualmente transmissíveis, com início precoce da vida sexual, baixa auto-estima e auto-eficácia, com probabilidade maior de depressão, stress, estilo explicativo pessimista, baixo desempenho académico e baixas habilidades sociais e futuro comportamento anti-sociais (mentir, roubar, agredir, machucar, xingar...).

3. PAIS AUTORITÁRIOS (muito mais exigentes do que responsivos; apresentam muitas regras e limites, mas são pouco afectivos e envolvem-se pouco). São pais centrados em si próprios, portanto desejam somente a obediência dos filhos. Caracterizam-se por nível baixo de apoio e atenção emocional, mas alto de estrutura positiva e direcção; são demasiadamente exigentes, tendo como resposta comum “Porque eu disse assim”, querem que o filho faça o que eles desejam, comandam a vida dos filhos e não deixam que ele próprio se expresse. **Consequências para os filhos:** tendem a apresentar performance moderada na escola, mas se a coerção for muito forte podem ter ansiedade e, com isso, abaixar o desempenho escolar; não apresentam problemas de comportamento, geralmente são crianças e adolescentes quietos e passivos, mas se a coerção dos pais for muito forte, podem mostrar hostilidade e agressividade contra figuras de autoridade (professores, por exemplo); apresentam piores desempenhos em

habilidades sociais, humor instável, pouco amigáveis, baixa auto-estima e altos níveis de depressão, situações que podem levar para a vida futura.

4. PAIS PERMISSIVOS – também chamados de *indulgentes* (muito mais responsivos do que exigentes; apresentam muito afeto e envolvimento e poucas regras e limite. São pais centrados no filho. Dão muito apoio e atenção emocional, mas pouca estrutura positiva e direção aos filhos; às vezes são pais que tem receio de serem rejeitados e não serem amados pelos filhos, então permitem em demasia, ou sentem culpa pela ausência no trabalho e permitem tudo ou são inconsistentes; a pouca resistência acaba levando a crianças mimadas e falta de resistência à frustração. **Consequências para os filhos:** estão mais propensas a envolver-se em problemas de comportamento e têm pior desempenho na escola, mas podem ter boa auto-estima e boas habilidades sociais e baixos níveis de depressão, mas há um alto risco de envolvimento com drogas no futuro, pois não aprenderam que existem regras e limites no mundo, acham que podem e devem experimentar tudo e testar todos; geralmente são crianças (e até adultos) mimados, sem limites, que depois de um tempo de convivência torna-se chato, pois pensa somente em si próprio e não aprendeu como o mundo funciona nem as suas regras de convivência.

Os pais avaliaram a sessão como sendo muito boa. Alguns pais disseram que não tinham parado para pensar nas consequências que pode ter uma má educação.

RELATÓRIO DA 5ª SESSÃO

A quinta sessão realizou-se no Centro de Emergência Infantil, as dez horas e dez minutos do dia 26/02/2010, com a presença de 14 pais cujo tema “Do saber-se amado ao sentir-se amado. A expressão de sentimentos na comunicação interpessoal.”

Os objetivos da sessão foram: Discutir os benefícios da atitude assertiva (“*democrata*”), designadamente da expressão aberta e direta dos sentimentos, para a evolução emocional da criança; Reconhecer a dimensão não-verbal da comunicação e sua importância na expressão emocional; Refletir sobre a expressão de sentimentos nas relações humanas; Refletir sobre a importância da família no desenvolvimento emocional da criança.

Fez-se o resumo das sessões anteriores e de seguida fez-se as seguintes atividades:

Atividade 1: Do saber-se amado ao sentir-se amado.

Descrição: Tendo em conta os formatos comunicacionais característicos de cada um dos estilos educativos, promoveu-se a reflexão sobre a diferença entre “saber-se amado” e “sentir-se amado”, apelando às experiências dos pais/mães enquanto filhos.

- Entre os participantes, quem se recorda que, enquanto crianças, sabiam que os pais gostavam deles?
- E quantos sentiam que eram verdadeiramente amados/gostados?

Discutiu-se sobre a diferença entre “saber” e “sentir”.

Refletiu-se que habitualmente partimos do princípio segundo qual os pais e as mães gostam dos filhos, pelo que a expressão direta de afeto e amor é muitas vezes inexistente, como se este afeto estivesse implícito em todas as ações e palavras dos pais. Em grupo, debateu-se sobre a veracidade e implicações destes pressupostos para os participantes.

Clarificou-se que existe uma dimensão cognitiva (do “saber”) no desenvolvimento das crianças, mas existe também um nível emocional (do “sentir”), que corresponde ao que realmente as crianças sentem sobre o quanto os pais/as mães gostam delas.

Por exemplo, dizer “*estou a fazer isto para o teu bem*” (dirigido a um nível cognitivo) será suficiente para que as crianças se sintam realmente amadas?

Apelando mais uma vez à temática dos estilos educativos, reforçam-se os benefícios da atitude assertiva (caraterística do *estilo democrata*), na medida em que essa atitude se caracteriza pela expressão aberta e direta dos sentimentos sejam positivos ou negativos, o que é favorável para o desenvolvimento emocional da criança.

Atividade 2: A importância da comunicação não-verbal na expressão de sentimentos.

- Descrição: Apelou-se para a diferença entre os aspetos verbais e não-verbais da comunicação (recordando conteúdos já abordados na 3ª sessão), reforçando a importância destes últimos para a expressão de sentimentos, uma vez que pelo fato de serem mais difíceis de controlar cognitivamente, porque são menos conscientes, poderão transmitir mensagens muito relevantes sobre as emoções mais profundas da pessoa.

Apresentou-se exemplos de situações concretas em que determinadas pistas não-verbais nos transmitem mensagens relevantes sobre as emoções: a postura corporal, o olhar, a expressão facial, o tom de voz. Fez-se apelo a exemplos de mensagens não-verbais na relação pais/filhos.

Atividade 3: A expressão de sentimentos na comunicação interpessoal.

- Descrição: Refletiu-se sobre a forma como lidamos com as nossas emoções e as mostramos aos outros (a propósito da comunicação não-verbal).

Ser capaz de dizer o que se sente é um processo marcado por aspetos culturais, históricos e associados ao género. Algumas curiosidades que foram discutidas:

- Na nossa cultura, como é feita a expressão de emoções negativas?
- E a expressão de emoções positivas?
- As mulheres têm maior facilidade em exprimir emoções?
- Até que ponto se continua a pensar que os homens não choram?
- Em que medida se transmite esse tipo de ideias aos filhos?
- Alguma coisa mudou ou está a mudar neste domínio da expressão de emoções? Se sim, em que sentido?

Promoveu-se a reflexão em grupo sobre a forma como cada um lida com a expressão de emoções, quer positivas, quer negativas, e discutiu-se sobre as diferenças de género na expressão de emoções.

Procurou-se identificar como é feita a expressão de sentimentos nas famílias dos participantes, e mesmo nas suas famílias de origem, explorando possíveis relações.

Recorreu novamente à dicotomia *saber/sentir*, discute-se em que medida a sociedade em que vivemos valoriza uma ou outra dimensão do desenvolvimento da criança.

Sublinhou-se o papel da família na promoção do desenvolvimento emocional da criança, perspectivando-a como “escola de emoções”, no sentido em que é neste contexto de vida que a criança aprende a ser, a relacionar-se com os outros e a exprimir os seus sentimentos, positivos ou negativos.

Pequenos conselhos deixados para melhorar a comunicação entre pais e filhos:

- Ao dar uma informação, tenta-se que seja sempre de uma forma positiva.

- Obedecer à regra de que “tudo o que se diz, cumpre-se”.
- “Empatizarmos” ou nos colocarmos no lugar do outro.
- Passar mensagens consistentes e não contraditórias.
- Escutar com atenção e interesse.
- Criar um clima emocional que facilite a comunicação.
- Pedir o parecer e a opinião dos demais.
- Expressar e compartilhar sentimentos.
- Ser claros na hora de pedir algo.

Avaliação foi feita mediante a discussão em grupo.

RELATÓRIO DA 6ª SESSÃO

A sexta sessão foi realizada aos doze dias do mês de Março, do ano de 2010, pelas dez horas, no Centro de Emergência Infantil. Teve a presença de 14 pais e foi tratado o Tema “*Expressão emocional na criança. A escuta ativa na relação pais/filhos.*”

Os objetivos da sessão foram: Reconhecer a dimensão não-verbal da comunicação e sua importância na expressão emocional; Refletir sobre a importância da família no desenvolvimento emocional da criança; Refletir sobre a forma como a criança vivencia e exterioriza as suas emoções; Expor de diferentes formas de lidar com a criança, quando esta evidencia emoções negativas; Reconhecer a importância da escuta ativa nas práticas educativas.

De seguida fez-se as seguintes atividades:

Atividade 1:

- A sessão teve início com uma breve recapitulação da sessão anterior, no sentido de se proceder a uma ligação entre os assuntos já explorados e os conteúdos que se prevê vir a abordar na sessão.

Atividade 2: Um mundo de emoções.

- Propôs-se aos participantes uma atividade de dinâmica de grupo, que consiste no seguinte: cada pai/mãe ou outro encarregado da criança foi solicitado a transmitir por

mímica (por meio de gestos, com a expressão facial e com a postura do corpo) uma determinada emoção aos restantes elementos do grupo. Cada emoção foi apresentada num cartão, que a estagiária mostrou a cada pai ou mãe, com a instrução de que não deviam falar enquanto mimetizava a emoção, pois o objetivo da atividade seria de evidenciar que o nosso corpo fala por nós para transmitir determinadas emoções.

Nos cartões constavam as seguintes emoções: Medo; Tristeza; Arrependimento; Fúria; Alegria.

Concluída a dramatização, procurou explorar-se a forma como cada participante se sentiu no desempenho da tarefa solicitada. Sublinhava-se a ideia de que a aprendizagem destas e de todas as emoções tem lugar no contexto familiar, apelando à temática sobre a qual se refletiu na sessão anterior, relativa à família como uma “escola de emoções”, na medida em que é o contexto privilegiado para a criança aprender a ser, a relacionar-se com os outros e a exprimir os seus sentimentos.

Atividade 3: O mundo emocional da criança.

- Utilizou desenhos em papel A3 e a duração foi de 20 minutos.

Refletiu-se com o grupo de participantes que a criança é uma pessoa autónoma no seu sentir, com as suas emoções e os seus pensamentos próprios, os seus fantasmas e as suas imagens mentais, que interpreta os acontecimentos à sua maneira, de acordo com os seus recursos e capacidades, pois precisa de encontrar um significado para o que lhe acontece no dia-a-dia.

A estagiária apresentou as seguintes situações ao grupo:

- O Jorge é um menino que por vezes demonstra comportamentos agressivos, com grandes acessos de fúria por tudo e por nada. Os seus pais separaram-se. Na sua cabeça, ele disse a si mesmo: *O papá foi-se embora. Ele não gosta de mim, deve ser porque eu sou mau.*

- A Tânia está sempre triste, não participa nas aulas, não brinca com as outras crianças. Sente-se a mais em toda a parte. Os seus pais discutem muito e ela disse a si própria: *O pai e a mãe zangam-se por minha causa, se eu não existisse não discutiam. A culpada sou eu.*

- A Ana é uma criança muito tímida. Ultimamente, diz sentir dores de cabeça com muita frequência, e começou a fazer xixi na cama. A sua mãe é uma pessoa triste e depressiva, que se queixa muito do seu trabalho, das pessoas e da vida em geral. Não gosta de sair, nem de convidar ninguém para ir a sua casa. A Ana pensa: *O mundo deve ser complicado e triste, as pessoas são más, não há razões para estar alegre nem ser feliz.*

Atividade 4: Simulação de uma situação de comunicação pais/filhos.

- A atividade teve a duração de 20 minutos.

- Descrição: Nesta atividade solicita-se ao grupo a colaboração de dois participantes voluntários: um irá desempenhar o papel de pai/mãe e o outro desempenhará o papel de filho(a), numa situação simulada. A situação é a seguinte:

- *O seu filho parece preocupado. Será que alguma coisa correu mal na escola?*

Terá sido com um adulto, ou com outra criança? Como é que o poderá ajudar?

Atividade 5: Ajudar a criança, escutando-a.

- Descrição: Com base na exploração da simulação descrita anteriormente, exploram-se diferentes formas de lidar com a criança, quando ela parece triste ou preocupada, partindo do princípio que não só os adultos, mas também as crianças se deparam com dificuldades no seu dia-a-dia.

Tentar resolver a situação

- *Como correu o dia hoje?*

- *Mal!*

- *Coitadinho, conta lá...*

- *Temos outro professor de Matemática, que explica tudo tão depressa...*

- *Oh, que aborrecido. Deixa lá, que eu ajudo-te a fazer os deveres... E se continuares assim, eu telefono para a escola para falar com o professor. Essa situação não pode continuar! As tuas notas não podem ser prejudicadas com isto!*

Pregar um sermão

- *Como correu o dia hoje?*

- *Mal!*

- Tens muito de que te queixar! Que me dera passar o dia a aprender e não ter preocupações!

- Oh, mas hoje apareceu-nos um professor de Matemática novo, e não gostei nada dele...

- Não estás lá para gostar ou deixar de gostar dos professores. Tens é que estar atento e fazer o que te mandam. Querias que fosse tudo muito fácil, não?

Desviar a atenção

- Como correu hoje o dia?

- Mal!

- Deixa-te disso, não pode ter corrido assim tão mal... Anda lanchar.

- Estou preocupado com a Matemática...

- Está bem, está bem, não és nenhum génio, mas olha, eu também não sou...

Anda, agora anda lanchar...

Escutar ativamente

- Como correu hoje o dia?

- Mal!

- Vê-se mesmo que estás aborrecido. O que foi que correu mal?

- Temos outro professor de Matemática, que explica tudo tão depressa...

- Estás com medo de não conseguir acompanhar a lição?

- Sim! Pedi-lhe que me explicasse uns exercícios, e ele disse que eu devia estar com mais atenção.

- Hum... E o que achaste disso?

- Fiquei furioso! Os outros fartaram-se de rir, mas aposto que também estavam atrapalhados!

- Então estás aborrecido porque te meteste em sarilhos por teres sido o primeiro a pedir ajuda?

- Estou! Não gosto nada de ser chamado à atenção desta maneira à frente dos outros...

- *E o que é que pensas fazer?*
- *Sei lá! Se calhar, pergunto-lhe outra vez no fim duma aula...*
- *Achas que assim resultava melhor?*
- *Sim, pelo menos já não me sentia envergonhado à frente dos outros...*
- *É isso, acho que fazes bem. Não debes deixar de pedir ajuda quando não souberes fazer as coisas...*

Refletiu-se com o grupo as implicações de cada uma destas formas de lidar com a criança, em termos da promoção do seu desenvolvimento emocional e da sua capacidade de resolver situações no dia-a-dia.

Os participantes foram solicitados a identificarem-se com uma daquelas quatro formas de lidar com a criança.

Sublinhou-se a importância de valorizar as emoções da criança, não as ignorando, permitindo-lhe que exprimissem as emoções, ouvindo-a atentamente, tentando compreendê-la, respeitando os seus medos e as suas angústias, oferecendo-lhe segurança e apoio, tendo sempre presente o objetivo de a responsabilizar na tentativa de encontrar formas para resolver a situação que está a vivenciar.

Assim estaremos a ajudá-la a desenvolver a “inteligência do sentir/do coração” (apelo à sessão anterior).

Relacionou-se a atitude de escuta ativa com o estilo educativo *democrata* (4ª sessão).

Promoveu-se a reflexão e sumariação das principais fases da sessão, e procedeu-se à avaliação da mesma, mediante a discussão em grupo.

ANEXO 3

Guião da entrevista com a adolescente-alvo

Dados da adolescente-alvo

1. Nome, idade?
2. Residência do agregado familiar?
3. Nível de escolaridade?

Situação e ambiente familiar:

4. Como é composta a tua família?
5. O que é para ti uma família?
6. Como e que é a tua mãe?
7. E o teu pai?
8. Então, como é que é o teu padrasto?
9. E os teus irmãos?
10. Se tivesse que mudar algo na tua família que mudarias?
11. Como sentes dentro da tua família?
12. Achas que os teus pais te educam a ti e aos seus irmãos?
13. Como é o relacionamento com os seus pais?
14. Como é o relacionamento com os seus irmãos?
15. Quais são os membros da tua família que tem um relacionamento mais afetivo?
16. Sentes satisfeito com a família que tem?
17. As regras estão bem definidas na tua família?
18. A tua família te impõe limites?
19. Fala-me do ambiente vivido na tua casa?

Situação escolar e relação família/escola

20. Gostas da tua escola? Porque?
21. Relacionas bem com os professores e colegas?
22. Tens tido sempre bons resultados escolares?
23. Já reprovou alguma vez. Pois, vejo pela tua idade. Fala do teu percurso escolar.
24. Já tivestes dificuldades que te levaram a reprovação. Elenca-as.
25. Como é que a tua família te vê como estudante?
26. Os pais costumam apoiar-te nos estudos? Como?
27. O ambiente que vive em casa influencia no teu rendimento escolar?
28. Em casa tens um lugar confortável para estudar?
29. Quando tens dificuldades na escola os teus pais te ajudam? Como?
30. Os teus pais participam nas actividades escolares?
31. Eles costumam ir saber de ti junto da tua professora?
32. Como é que os teus pais reagem quando reprovias?
33. O que é que os teus pais esperam de ti relativamente aos estudos?
34. Que importância tem os resultados académicos para a sua família?
35. Tencionas progredir nos estudos?
36. Porque estas aqui no CEI?
37. Gostas de cá estar?

ANEXO 4

Guião da entrevista com a mãe da adolescente-alvo

Dados pessoais da mãe da adolescente-alvo:

1. Nome; idade; sexo; estado civil; residência?
2. Nível de escolaridade?
3. Profissão?

Situação e ambiente familiar:

4. O que é para si uma família?
5. Como é composta a sua família?
6. Como é que é a relação com o seu actual marido?
7. E com os filhos, especialmente com a Rita?
8. Como é que era a relação com o pai da Rita?
9. Porque não continuaram?
10. E agora?
11. Como é que é a relação entre a Rita e Raul, seu pai?
12. E com o padrasto?
13. Como é que é a habitação onde vivem?
14. Como é que é a relação com os vizinhos?
15. Quem cuida diariamente dos filhos?
16. Poderia caracterizar o ambiente vivido no seio da sua família?
17. Se tivesse que mudar alguma coisa na sua família o que mudaria?
18. Sente satisfeita com a família que tem?
19. Fala dos acontecimentos marcantes na sua família?

- 20. Fala da comunicação existente na sua família?
- 21. Todos colaboram em casa? Se sim em que tarefas? Se não porque?
- 22. Para si qual deverá ser o papel da família?
- 23. Porque é que a Rita está no CEI?

Situação relativamente ao trabalho, economia e finanças

- 24. Neste momento está a trabalhar? Se sim, fazendo o que?
- 25. O dinheiro que ganha chega para as despesas? Porque?
- 26. O marido ajuda com as despesas?
- 27. O pai da Rita contribui com algo para a Rita?
- 28. Poderia referir como é que é a vida lá em casa?

Relação família/escola

- 29. Os seus filhos têm bons resultados escolares? A Rita especialmente?
- 30. A Rita tem tido reprovações. Porque?
- 31. Apoia os seus filhos a nível escolar? Como?
- 32. A senhora costuma ir a escola saber dos seus filhos?
- 33. Ajuda as crianças a fazer os seus deveres de escola em casa?
- 34. Os seus filhos têm um espaço, em casa, para estudar?
- 35. O ambiente vivido no seio da sua família propicia um bom rendimento escolar dos seus filhos?
- 36. Acha que os seus filhos deveriam dedicar a outra actividade e deixar de ir a escola uma vez que têm vindo a acumular reprovações?
- 37. O que pensa relativamente ao futuro académico dos seus filhos?

ANEXO 5

Guião da entrevista com o padrasto da adolescente-alvo

Dados pessoais do padrasto da adolescente-alvo:

1. Nome; idade; sexo; estado civil; residência?
2. Nível de escolaridade?
3. Profissão?

Situação e ambiente familiar:

4. O que é para si uma família?
5. Como é composta a sua família?
6. Como é que é a relação com a sua mulher?
7. E com os filhos?
8. E com a Rita?
9. Como é que é a habitação onde vivem?
10. Como é que é a relação com os vizinhos?
11. Quem cuida diariamente dos filhos?
12. Poderia caracterizar o ambiente vivido no seio da sua família?
13. Se tivesse que mudar alguma coisa na sua família o que mudaria?
14. Sente satisfeito com a família que tem?
15. Fala da comunicação existente na sua família?
16. Para si qual deverá ser o papel da família?

Situação relativamente ao trabalho, economia e finanças

- 17. Neste momento está a trabalhar? Se sim, fazendo o que?
- 18. O dinheiro que ganha chega para as despesas? Porque?
- 19. A sua mulher ajuda com as despesas?
- 20. O pai da Rita contribui com algo para a Rita?

Relação família/escola

- 21. Os seus filhos têm bons resultados escolares?
- 22. A Rita tem tido reprovações. Porque?
- 23. Apoia os seus filhos a nível escolar? Como?
- 24. Quando os seus filhos têm problemas na escola tenta sempre ajuda-los?
- 25. Os seus filhos e a Rita têm um espaço, em casa, para estudar?
- 26. O ambiente vivido no seio da sua família propicia um bom rendimento escolar dos seus filhos?
- 27. O que pensa relativamente ao futuro académico dos seus filhos? E da Rita?

ANEXO 6

Respostas da entrevista com a adolescente-alvo

Dados da adolescente-alvo

1. *Nome, idade* Rita⁴², 14 anos de idade.
2. *Residência do agregado familiar?* Campim.
3. *Nível de escolaridade?* 6ª Classe do Ensino Básico.

Situação e ambiente familiar:

4. *Como é composta a tua família?* É composta pela minha mãe, meus 4 irmãos e o meu padrasto. O meu pai mora num quarto perto de nós. Gosto de ir dormir com o meu pai.
5. *O que é para ti uma família?* Uma família... são pessoas morando juntos. E os pais deveriam cuidar dos filhos.
6. *Como e que é a tua mãe?* Minha mãe me deixou na ilha do Sal, mas ela gosta de mim. Ela gosta, as vezes, de brigar comigo. É uma boa pessoa, mas as vezes eu não entendo... Ela para pouco em casa porque está a trabalhar ou sei lá...
7. *E o teu pai?* Agora ele vai me registar. É o melhor do mundo. Gosto de ir viver com ele, mas agora estou aqui... Ele gosta de mim, me dá tudo o que quero. A minha mãe e o meu padrasto é que andam a falar dele, mas eu acho-o o máximo. Nunca me bateu, mas a minha mãe já bateu-me... Eu não devia dizer estas coisas. Mas a senhora não vai dizer à ninguém...
8. *Então, como é que é o teu padrasto?* Ralha muito com a minha mãe porque ela coloca bebida na boca. Do resto está sempre a trabalhar ou com amigos. Desconfio que ele também bebe grogue, aliás é mesmo verdade... minha mãe é que disse que ele gasta dinheiro com amigos na loja, bebendo e também ele cheira-me mesmo a grogue.
9. *E os teus irmãos?* Nós brincamos e as vezes discutimos por causa de tudo, até de comida... eles dizem que o meu pai vai me tomar. Já disse que eu ficaria contente. Os

⁴²Rita – nome fictício.

meus irmãos também não dão obra na escola (sorrindo). Um qualquer dia virão também para aqui. Um já foi para psicólogo mas a mãe não tem tempo para leva-lo sempre.

10. *Se tivesse que mudar algo na tua família que mudarias?* Viver com o meu pai e minha mãe. Não quer dizer que não gosto do meu padrasto.

11. *Como sentes dentro da tua família?* Bem, mas as vezes triste porque parece que só eu é que não pode reprovar e minha mãe me dá pancada sem razão. E sinto com falta de algumas coisas... a senhora já entendeu!

12. *Achas que os teus pais te educam a ti e aos seus irmãos?* A minha mãe não educa porque quando tem dinheiro e vai a loja trás bebidas e isso não é educação. Ela não fala com a boca... bate e grita por isso é difícil viver lá em casa. Coitado dos meus irmãos que lá estão.

13. *Como é o relacionamento com os teus pais?* Bom. Meu pai não me bate, minha mãe bate mas eu entendo... (sorrisos). Quero é falar com a minha mãe mas ela não ouve, só briga... até com os lá da nossa rua. A minha tia no Sal não era assim.

14. *Como é o relacionamento com os teus irmãos?* Eu já tinha dito. Brincamos e as vezes brigamos. Eles são atrevidos...oh a gente não deve dizer estas coisas... (sorrisos)

15. *Quais são os membros da tua família que tem um relacionamento mais afetivo?* Deixa-me ver... (pausa longa) nós todos...

16. *Sentes satisfeito com a família que tem?* Sinto, mas agora estou aqui e para dizer a verdade gostaria de ficar aqui.

17. *As regras estão bem definidas na tua família?* Áh! Acha!? Porque só eu é que lavava os pratos, e o que é que os outros fazem?! Coitada é da minha mãe agora lá a fazer tudo sozinha. E porque se eu atrasar só um bocadinho no caminho de escola já brigam comigo?! Eu não quero falar dessas coisas. Não diga a minha mãe que eu disse estas coisas.

18. *A tua família te impõe limites?* É o que sabem fazer. Não posso fazer nada... o meu pai já não é bem assim...

19. *Fala-me do ambiente vivido na tua casa?* Ahm! Com falta de algumas coisas (cara muito séria, pensativa).

Situação escolar e relação família/escola

20. *Gostas da tua escola? Porque?* Gosto. Porque assim estou longe de casa. Na escola e no intervalo brincamos muito. Na sala temos que ficar sérios, desta parte não gosto.

21. *Relacionas bem com os professores e colegas?* Sim.

22. *Tens tido sempre bons resultados escolares?* Nem sempre. As vezes apanho negativa nas provas.

23. *Já reprovou alguma vez. Pois, vejo pela tua idade. Fala do teu percurso escolar.* Eu sei. Eu devia estar já no liceu. Já reprovei mais do que uma vez. Quando eu vivia no Sal reprovei e aqui também reprovei no ano passado porque não estava habituada com escola de São Vicente. Eu não posso reprovar mais por isso estou a esforçar.

24. *Já tivestes dificuldades que te levaram a reprovação. Elenca-as.* A minha tia, no Sal, dizia que eu não tinha cabeça para escola. Eu esqueço as coisas, faço contas erradas e escrevo com erros. A senhora acha que um menino assim pode passar?.. (sorrisos) Mas agora já mudei, ando a estudar e andam a me ensinar os TPC aqui no Centro.

25. *Como é que a tua família te vê como estudante?* Dizem que não presto para escola. Os meus irmãos não me deixam estudar porque fazem barulho, e eu tenho de fazer “mandados”. Aqui no Centro deixam-me estudar sossegada...

26. *Os pais costumam apoiar-te nos estudos? Como?* Não. A minha mãe diz que ela aprendeu as coisas doutro jeito. Ela não sabe fazer contas de dividir como a professora me ensinou.

27. *O ambiente que vive em casa influencia no teu rendimento escolar?* Claro que sim! (pausa) os meus irmãos perturbam e não me deixam estudar. As vezes são as brigas do meu padrasto com a minha mãe é que me deixam triste e com raiva, então não faço o TPC e quando vou a escola a professora ralha comigo. A senhora não conhece aquela casa... os meus irmãos também não conseguem estudar.

28. *Em casa tens um lugar confortável para estudar?* Está a brincar comigo, eh! Na mesa onde comemos é uma bagunça. Não tenho quarto... onde é que a senhora queria que eu estudasse?

29. *Quando tens dificuldades na escola os teus pais te ajudam? Como?* Eu já disse que não. O meu pai já me disse que se eu estivesse com ele, me ajudaria a fazer TPC e mostrava para minha mãe que sou inteligente.

30. *Os teus pais participam nas actividades escolares?* A minha mãe uma vez foi para um tarde de chá... estou a lembrar!

31. *Eles costumam ir saber de ti junto da tua professora?* A minha mãe foi saber de mim e depois, em casa, brigou comigo... seria muito melhor ela não ir. No Sal a minha madrinha ia falar com a professora – eu já tinha dito a senhora que a minha tia é minha madrinha? O meu pai disse que ia falar com a minha professora, mas minha mãe brigou com ele. Aqui a monitora esteve lá na minha escola. Acho que falou de mim com a professora. Mas agora vou passar... não tenho problemas...

32. *Como é que os teus pais reagem quando reprovás?* Dizem que fico raposa. A minha mãe zangou comigo. Não gosto de falar disso. Só estou a falar porque a senhora é psicóloga.

33. *O que é que os teus pais esperam de ti relativamente aos estudos?* Que ponho juízo e poder passar. Agora já tenho juízo.

34. *Que importância tem os resultados académicos para a sua família?* Ficam contentes quando um de nós passa... acho.

35. *Tencionas progredir nos estudos?* Claro. Então o que irei fazer? Mesmo que minha mãe já disse que me tira da escola se eu continuar a reprovar. A senhora já imaginou uma pessoa a ficar sem ir para a escola?! A tia Zenaida⁴³ já disse que não fico sem ir para escola porque tenho direito.

36. *Porque estas aqui no CEI?* Porque não posso ir viver com meu pai porque ele só tem um quarto e minha mãe bate-me muito. Ela só gosta dos meus irmãos. Mas aqui no Centro é fixe.

37. *Gostas de cá estar?* Aqui é muito melhor que a minha casa. Gosto de ficar aqui. Quando o meu pai tiver uma casa vou ficar com ele.

⁴³Zenaida é a responsável do Centro.

ANEXO 7

Respostas da entrevista com a mãe da adolescente-alvo

Dados pessoais da mãe da adolescente-alvo:

1. *Nome; idade; sexo; estado civil; residência?* Ana, 33 anos de idade, solteira, Campim.
2. *Nível de escolaridade?* 4ª Classe.
3. *Profissão?* Doméstica (tira horas de trabalho em casa de famílias, esporadicamente e as vezes tem trabalho fixo numa casa).

Situação e ambiente familiar:

4. *O que é para si uma família?* Primeiro, uma família deve ser unida, sem brigas; o que nem sempre é possível. Uma família precisa de uma casa com espaço para as pessoas viverem com respeito. Família tem filhos para serem educados e pai e mãe, é o que eu acho.
5. *Como é composta a sua família?* Sou eu, meu marido com quem tenho 4 filhos e minha primeira filha que tive com outro homem.
6. *Como é que é a relação com o seu marido?* Mais ou menos. Ele é boa pessoa, mas as vezes discutimos. Também! As vezes temos muitas necessidades.
7. *E com os filhos, especialmente com a Rita?* Tento dar educação como posso. A senhora sabe como é que estes meninos são agora. A Rita não foi acostumada comigo, porque criou com a minha irmã na ilha do Sal, mas damos bem, mas ela não é brincadeira. Dizem que lhe bato, mas a senhora sabe que temos que educar os filhos e com ela então temos que ter muita paciência.
8. *Como é que era a relação com o pai da Rita?* Foi um namorado, quando eu era jovem, eu não tinha ainda muito juízo. Gostava dele mas minha família não gostava dele e dava muitos problemas. Me mandaram para o Sal para ficar longe dele. Naquela altura eu não tinha alternativa... até aprendi a beber para vingar minha família que não

me deixou ficar com ele. Nós podíamos ter dado certo. Mas agora tenho o meu marido... o Raul mora perto de nós e acho que anda a meter coisas na cabeça da Rita.

9. *Porque não continuaram?* Eu já disse, os meus familiares atrapalharam a nossa relação e ele nem era muito mais velho do que eu e trabalhava, mesmo que era nas obras.

10. *E agora?* O que a senhora quer dizer. Eu agora tenho meu marido. Eu sei que é pai da minha filha, mas se ele nunca teve com a minha Rita não é agora que vai quere-la, porque ele anda a dizer que vai regista-la.

11. *Como é que é a relação entre a Rita e Raul, seu pai?* Não gosto da relação entre eles. Acho e já disse a senhora que trabalha aqui que desconfio de que ele quer conquistar a minha Rita demonstrando muito disponível, não interessando pela sua educação, deixando ela fazer o que quiser. Não acho certo a minha filha ir dormir com ele se ele mora só num quarto e ela é menininha fêmea. Ele é homem, não conviveu com a Rita desde pequenina... uma pessoa não sabe o que pode acontecer, a senhora entende...

12. *E com o padrasto?* Normal. Ele diz que é minha filha e por isso eu é que devo tomar conta dela.

13. *Como é que é a habitação onde vivem?* Tem dois quartos de dormir, tem cozinha, casa de banho e uma sala de estar onde também comemos. A senhora está a ver que é mais ou menos. Pertence a um nosso familiar e vamos pagando renda como podermos. O meu marido tem uma venda na Praça Estrela e eu arranjo que fazer como eu poder.

14. *Como é que é a relação com os vizinhos?* A senhora já sabe. Essa coisa de vizinhos é conforme... As vezes tudo bem, mas as vezes dá problemas quando metem na vida de uma pessoa e eu não sou uma barata morta, quem me procurar me encontra... e depois perturba a relação com o meu Tito.

15. *Quem cuida diariamente dos filhos?* Sou eu, o Tito está sempre nas suas vendas, ele não tem tempo. A Rita me ajudava, mas agora está aqui e acho que é muito bom ela cá estar.

16. *Poderia caracterizar o ambiente vivido no seio da sua família?* Sabe, problemas todos têm, nós também temos. Mas gostamos uns dos outros. Eu gosto dos meus filhos,

dou carinho como eu poder... as vezes não tenho tempo porque estou a procura de alguma coisa para trazer para casa para comermos. A vida não é fácil!..

17. *Se tivesse que mudar alguma coisa na sua família o que mudaria?* Acabar com as conversas de desentendimento que, as vezes, tenho com meu marido. E ter condições para nada faltar aos meus filhos.

18. *Sente satisfeita com a família que tem?* Sim. Ela é minha, tenho que gostar, mas poderia ser melhor se não fossem as perturbações, como eu já disse.

19. *Fala dos acontecimentos marcantes na sua família?* Nascimento dos filhos; já tivemos festas muito importantes. Uma vez tive que ir para hospital com um dos meus filhos por causa de ter ingerido grogue que eu tinha trazido para casa, foi marcante pela negativa. Eu fiz cruz de nunca ter bebidas em casa.

20. *Fala da comunicação existente na sua família?* Nós falamos uns com os outros. As vezes não dizer uma coisa é melhor porque pode trazer briga com o Tito. Mas a senhora sabe... os meninos de hoje não querem ouvir e se uma pessoa dar uma repreensão e uma palmada já dizem que estamos com violência...

21. *Todos colaboram em casa? Se sim em que tarefas? Se não porque?* Eu sempre mando fazer as coisas, mas a senhora sabe, os meninos não ouvem, então prefiro fazer tudo. O Tito é homem, tem os seus afazeres e eu é que sou mulher daquela casa. As vezes canso mas o que fazer... venho cansada de trabalho, mas... a Rita já arrumava um lugar e lavava uns pratos e até umas roupas... vida de mulher!..

22. *Para si qual deverá ser o papel da família?* Cuidar dos filhos; dar comida as crianças; ter um lugar limpo para não dar doenças... fazer tudo em casa.

23. *Porque é que a Rita está no CEI?* Telefonaram para cá dizendo que bato nela... já disse a senhora que ela não é brincadeira. Mas acho bem que esteja aqui por causa daquilo que já disse. E se o pai fazer alguma coisa com ela eu vou arrepender por toda a minha vida, então é melhor eles aqui tomar conta dessa situação, assim toda a gente já sabe, porque os vizinhos andam a falar e isso me perturba e perturba todos nós lá de casa. O Raul anda zangado por causa desta desconfiança, mas Deus é que sabe, a senhora daqui do Centro disse que é melhor ter cuidado.

Situação relativamente ao trabalho, economia e finanças

24. *Neste momento está a trabalhar? Se sim, fazendo o que?* Tenho duas casas onde vou limpar duas vezes por semana. Eu faço qualquer coisa para arranjar o que para sustentar meus filhos. Não faço é coisa que me condena. Tenho problemas com vizinhos porque põem uma pessoa falso; para senhora ver já até disseram que deito com homens por dinheiro; sabe uma pessoa com marido e filhos!? Isto me deu problemas com o Tito que já disse que me vai deixar, ainda mais dizem que ando a beber e com drogas, isto é uma grande mentira. Ainda bebida, as vezes tomo, mas nem sempre.

25. *O dinheiro que ganha chega para as despesas? Porque?* As despesas são muitas. Já imaginou cinco crianças para dar comida!? A renda... o Tito que desenrasca...

26. *O marido ajuda com as despesas?* Ajuda quando pode. Como sabe as vendas não estão a correr muito bem. Ele podia ajudar mais, mas os amigos e o groguinho não deixam.

27. *O pai da Rita contribui com algo para a Rita?* Ele até quer, mas eu é que não quero. O que é que ele tem a ver com a minha filha. Ele anda é a meter coisas na cabeça da minha Rita. Mas sei que ele trabalha e ganha, vou pensar neste assunto porque se quer ser pai tem que contribuir.

28. *Poderia referir como é que é a vida lá em casa?* Os meninos passam o dia sozinhos; desenrascam; eu deixo o que tenho preparado e eles comem. Assim que consigo venho para vê-los. A Rita ia a escola uma hora e meia e deixava os seus irmãos preparados porque os três, que são de escola, vão é de manhã. Agora está mais complicado, mas damos um jeito.

Relação família/escola

29. *Os seus filhos têm bons resultados escolares? A Rita especialmente?* Sei que não são grandes coisa, mas a escola e professores deviam dar mais apoio.

30. *A Rita tem tido reprovações. Porque?* Sei pouco de como foi a escola no Sal porque começou a reprovar foi lá. Por isso e por outras coisas minha irmã me entregou-a e agora não sei que fazer; espero que estando aqui no Centro ela passa porque no ano

passado reprovou. A professora diz que ela não faz trabalho de casa e não tem base para estar na 6^a.

31. *Apoia os seus filhos a nível escolar? Como?* Eu tento comprar os livros e cadernos, mas lá na escola deram-lhes material escolar. Eles pedem dinheiro da cantina, mas a senhora sabe, as coisas estão difícil... em casa sempre lhes mando estudar, mas a senhora já sabe como são estes meninos de hoje em dia.

32. *A senhora costuma ir a escola saber dos seus filhos?* A professora manda me chamar para dizer que andam a brigar, para dizer a verdade, que são mal-educados e que rendem pouco na escola, mas, a senhora sabe, nem sempre tenho tempo, mas já fui algumas vezes. O Tito não tem tempo. O pai da Rita anda a dizer que vai saber da sua filha na escola, mas já avisei-lhe que Deus defende.

33. *Ajuda as crianças a fazer os seus deveres de escola em casa?* Eu mando-lhes fazer, mas a maneira como lhes ensinam hoje é diferente, eu não sei se sou capaz de os ajudar bem... e se eu lhes atrapalhar?

34. *Os seus filhos têm um espaço, em casa, para estudar?* Estudam na mesa da sala onde comemos. A senhora sabe... eles fazem barulho e perturbam-se uns aos outros... eles querem é brincar... nem com pancada eles me ouvem porque eu ponho-lhes respeito.

35. *O ambiente vivido no seio da sua família propicia um bom rendimento escolar dos seus filhos?* Se fizessem como eu digo... também!.. (pausa) o Tito ajuda pouco.

36. *Acha que os seus filhos deveriam dedicar a outra atividade e deixar de ir a escola uma vez que têm vindo a acumularem reprovações?* Acho que devem ir a escola e tentar ser uma coisa na vida. Eu, as vezes, digo que vou tirar de escola é para meter medo, para ver se mudam de comportamento. Mas é a brincar...

37. *O que pensa relativamente ao futuro académico dos seus filhos?* A Rita por exemplo agora que está aqui parece que já melhorou e tenho esperança que vai estudar e não ser como eu. Os outros ainda são mais novos vou tentar ajuda-los. Um já foi para psicólogo, assim que eu tiver mais tempo vou leva-lo mais vezes.

ANEXO 8

Respostas da entrevista com o padrasto da adolescente-alvo

Dados pessoais do padrasto da adolescente-alvo:

1. *Nome; idade; sexo; estado civil; residência?* Tito, 40 anos de idade, solteiro, Campim.
2. *Nível de escolaridade?* 4ª Classe.
3. *Profissão?* Comerciante (tem um pequeno espaço na Praça Estrela onde trabalha, por conta própria, a vender).

Situação e ambiente familiar:

4. *O que é para si uma família?* Uma família é um grupo de pessoas morando numa casa e os grandes trabalham e cuidam dos pequenos.
5. *Como é composta a sua família?* Sou eu, minha mulher, quatro nossos filhos e minha enteada que a senhora já viu aqui.
6. *Como é que é a relação com a sua mulher?* São boas apesar de alguns problemas...
7. *E com os filhos?* Boas.
8. *E com a Rita?* Também.
9. *Como é que é a habitação onde vivem?* Uma casa normal... podia ser melhor, mas as rendas estão altas.
10. *Como é que é a relação com os vizinhos?* As vezes surgem problemas por causa da minha mulher que toma bebidas quando pega em dinheiro.
11. *Quem cuida diariamente dos filhos?* A Ana é que sabe dos meninos. Eu deixo-a tratar deles... ela é mulher. Tem mais jeito.
12. *Poderia caracterizar o ambiente vivido no seio da sua família?* Tranquilo. Se a Ana não tivesse problemas com bebidas seria melhor. Ela até já usou drogas, para a senhora

ver os problemas que temos tido. Tenho pensado em deixa-la porque temos brigado muito agora.

13. *Se tivesse que mudar alguma coisa na sua família o que mudaria?* A Ana deixar de usar dinheiro naquelas porcarias. Eu só tomo um grogue com os amigos e sem problemas.

14. *Sente satisfeito com a família que tem?* Tirando o que já disse.

15. *Fala da comunicação existente na sua família?* Eu e a Ana combinamos as coisas, mas as vezes sinto que ela me mente e faz coisas que não sei e temos problema porque ela rejeita me dizer. Os vizinhos andam a dizer coisas que me irritam, sabe... sou homem...

16. *Para si qual deverá ser o papel da família?* Organizar a família para não passar mal.

Situação relativamente ao trabalho, economia e finanças

17. *Neste momento está a trabalhar? Se sim, fazendo o que?* Sempre trabalho por conta própria na Praça Estrela, onde tenho um espaço de venda.

18. *O dinheiro que ganha chega para as despesas? Porque?* Conforme. As vendas estão poucas, mas temos que viver.

19. *A sua mulher ajuda com as despesas?* Como pode. Mas com aqueles defeitos... eu já disse-lhe para ter cuidado comigo porque posso deixa-la.

20. *O pai da Rita contribui com algo para a Rita?* É um assunto que não tenho nada a ver. Não gosto muito daquele homem...

Relação família/escola

21. *Os seus filhos têm bons resultados escolares?* Já reprovaram algumas vezes.

22. *A Rita tem tido reprovações. Porque?* Eu já falei com a sua mãe. Ela tem que pô-la a estudar, mas agora ela está aqui...

23. *Apoia os seus filhos a nível escolar? Como?* A Ana é que trata destas coisas. Eu dou o dinheiro para as coisas assim quando e como consigo.

24. *Quando os seus filhos têm problemas na escola tenta sempre ajuda-los?* Estas coisas são serviço de mulher, mas penso ir um dia desses, que tiver tempo, à escola para falar com os professores porque Ana lá foi e parece que os meninos andam a fazer abusos.

25. *Os seus filhos e a Rita têm um espaço, em casa, para estudar?* Estudam na sala... é um bom lugar ou é mais ou menos...

26. *O ambiente vivido no seio da sua família propicia um bom rendimento escolar dos seus filhos?* Estudam pouco é porque a Ana não tem responsabilidade e também gostam mais é de brincadeira.

27. *O que pensa relativamente ao futuro académico dos seus filhos? E da Rita?* Hoje em dia quem não estudar não consegue nada na vida. Eles têm que estudar.